

A<sup>26/7</sup> Liahona <sup>julho</sup> 1973



GM  
M205,51  
L694P  
v.26  
1973



## Mensagem de Inspiração

# O Poder do Amor

Elder Delbert L. Stapley

**E**nsinam as Escrituras que nosso Deus é um Deus de amor. É a maior coisa que Deus nos pode dar e a maior que nós podemos dar a ele. A verdadeira medida de amar a Deus é amá-lo sem medida. Seu amor por nós manifestou-se ao mandar seu Filho Unigênito ao mundo a fim de que pudéssemos viver através dele. (Vide I João 4:9)

O amor reinante entre o Pai Eterno e seu Filho Unigênito tem existido em certo grau entre outros pais e filhos. Não devemos achar que um amor assim esteja acima de nossa capacidade de receber ou dar. Podemos não ser capazes de igualar o perfeito amor que nos demonstra o Salvador, pois que Cristo é o epítome dessa qualidade divina, mas é uma meta que todos nós deveríamos buscar com empenho.

A mais importante necessidade do mundo de hoje para remediar seus desastinos e problemas é o homem voltar-se novamente para Deus em amor e obediência à sua vontade. Sem esse amor, o mundo continuará em crescente tumulto até ver-se mergulhado em maldade e pecado, quando então os julgamentos de Deus cairão sobre os iníquos da terra. A cura para todos os males e injustiças, os cuidados, os pesares e os crimes da humanidade resume-se numa única palavra — amor.

O amor, se usado em seu legítimo contexto, manterá os povos do mundo unidos em entendimento e paz. Hoje em dia, o mais espeznhado ingredi-

ente para uma vida alegre e feliz é a palavra amor.

Se o amor terno, profundo e compassivo praticado e recomendado por Jesus predominasse em todos os corações, realizar-se-iam os mais sublimes e gloriosos ideais da sociedade humana, faltando pouco para este mundo ser um reino dos céus. O amor é realmente o céu sobre a terra, pois que o céu não seria céu sem ele.

O Apóstolo Paulo chama o amor de vínculo da perfeição e paz. É o velho, o novo e o grande mandamento, porque o amor é o cumprimento da lei.

O amor começa no lar, com pais compatíveis dedicando afeição e cuidado carinhoso aos filhos, tratand-os com bondade e compreensão, buscando seu amor e confiança; e, também, demonstrando preocupação pelo bem-estar e felicidade deles.

O Apóstolo Paulo deu-nos este sábio conselho: "Mas se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Tim. 5:8)

Gostaria de compartilhar convosco parte do testemunho da Irmã Davídina Bailey, uma mãe devotada, com vistas ao cuidado, bem-estar, orientação e felicidade de seus filhos no futuro. Foi escrito dezesseis anos antes de sua morte ocorrida em julho de 1970 e é um maravilhoso tributo materno de quem realmente amava os filhos.

"Esta noite fiquei deitada sem conseguir dormir, o que é incomum pois costume adormecer facilmente. Quero deixar esta mensagem para vocês, meus filhos... Se vocês me amam... guardem os mandamentos de Deus; façam-no por mim, se não por si mesmos, pois que desejo tê-los junto a mim na glória que seu pai e eu alcançamos.

"Eu os exorto... não se afastem do Evangelho se eu não estiver aqui para cuidar de vocês nesta vida. Não tenham ciúmes um do outro, pois amei-os a todos igualmente. Tenho tentado ser imparcial para com todos vocês... Não se reprovem mutuamente... Não procurem os prazeres mundanos. Estejam alertas aos poderes de Satanás e seus anjos, pois o poder deles é grande e não deve ser esquecido.

"Lembrem-se sempre de que amo a todos. Vocês são os filhos espirituais de Deus. Papai e eu fomos encarregados de ser seus pais nesta vida mortal, por isso vivam de modo a que possamos voltar a ser uma família por todas as eternidades."

Que Deus conceda a nós, pais, o amor, a sabedoria e o bom senso para planejar efetivamente para o cuidado, bem-estar e felicidade de nossos filhos. Que possamos ajudá-los a viver retamente, a amar a verdade e a fazer o bem.

Que Deus vos abençoe para que sigais os sábios conselhos de pais amantes e exemplares e vivais juntos em entendimento, harmonia e paz.

## Neste Mês

# A Liahona <sup>26/7</sup> julho 1973

<b>MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO</b>	2
Élder Delbert L. Stapley	
<b>DAMOS GRAÇAS A TI, Ó DEUS AMADO</b>	4
Spencer W. Kimball	
<b>OS SANTOS EM SEGURANÇA HABITAM</b>	7
Boyd K. Packer	
<b>CONFIRMA TEUS IRMÃOS</b>	10
Paul H. Dunn	
<b>UMA NOITE DE VINHETAS HISTÓRICAS</b>	12
<b>DIRETRIZES E PROGRAMAS</b>	21
<b>DE NOSSOS ENCONTROS COM DEUS</b>	22
L. H. O. Stobbe	
<b>O MISTÉRIO DA IMPRESSÃO DIGITAL</b>	23
<b>PARA DIVERTIR</b>	25
<b>DE UM AMIGO PARA OUTRO</b>	26
Hartman Rector Jr.	
<b>ESTER, A ADORÁVEL RAINHA</b>	28
Mary Ellen Jolly	
<b>ESCONDE-ESCONDE</b>	30
<b>SEJA UM VITORIOSO</b>	31
Jon M. Taylor	
<b>PERGUNTAS E RESPOSTAS</b>	36
<b>O PÉ DE GROSELHA</b>	40
Hugh B. Brown	
<b>A PARÁBOLA DO GANSO BRAVO</b>	42
Michael D. Palmer	
<b>REPORTAGEM DE BELFAST</b>	44
Herbert F. Murray	
<b>HUMOR MÓRMON</b>	47

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

### A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Harold B. Lee  
N. Eldon Tanner  
Marion G. Romney

### CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball  
Ezra Taft Benson  
Mark E. Petersen  
Delbert L. Stapley  
LeGrand Richards  
Hugh B. Brown  
Howard W. Hunter  
Gordon B. Hinckley  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie

### COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

### EDITOR

Larry Hiller

### EDITOR RESPONSÁVEL

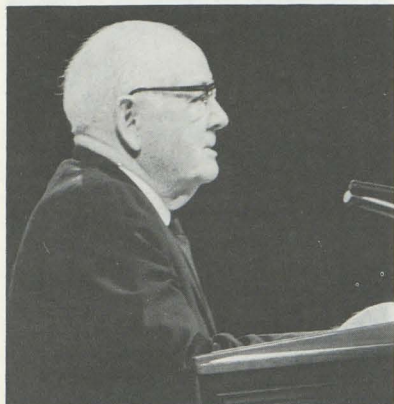
Osiris G. Cabral

### REDATOR

Wilson R. Gomes

**A LIAHONA** — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.



**Spencer W. Kimball**  
Presidente do Conselho dos Doze

# Damos Graças A Ti, Ó Deus Amado

## O privilégio de apoiar os líderes da Igreja

**N**enhum palco teatral jamais ofereceu atos de tão absorvente interesse e importância como as cenas históricas da Igreja nestes últimos dias. O cenário foi mudando de Nova York para Ohio, para Missouri, para Illinois e Utah. As condições se alteraram e mudaram os protagonistas dos diversos papéis. Hoje é apoiado mais um grande líder. Que grande privilégio temos nós, os aqui presentes, de poder tomar parte em tão importante evento! Nesta mudança de liderança da Igreja é importante que os quoruns do Sacerdócio e a assembléia dos santos tenham a oportunidade de exprimir sua gratidão, de hipotecar seu apoio e confiança, e de reafirmar seus convênios.

O chamado do Presidente Harold B. Lee segue padrão idêntico ao dos outros presidentes há muitos, muitos anos. Ele retém as mesmas chaves, possui a mesma autoridade, representa a mesma igreja, apenas muito maior.

Quando foi organizada em 1830, a Igreja compunha-se de um punhado

de gente. Assim o Profeta Joseph Smith a princípio presidia um grupo muito pequeno, mas que na época de seu martírio já aumentara para muitos milhares.

Quando Brigham Young tornou-se presidente havia aproximadamente 40.000 membros. Em 1877, o novo presidente, John Taylor, presidia sobre 145.000. Wilford Woodruff tinha sob sua responsabilidade cerca de 192.000 membros em 1887. Quando Lorenzo Snow assumiu a presidência em 1898, havia uns 253.000 membros, e no tempo de Joseph F. Smith eram perto de 280.000. O Presidente Heber J. Grant presidia quase meio milhão; George Albert Smith, um milhão; e quando David O. McKay se tornou presidente em 1951, os membros somavam mais de 1.100.000.

Quando Joseph Fielding Smith tomou as rédeas do governo da Igreja, havia 2.800.000 membros; e agora que o Presidente Harold B. Lee assume a presidência, os membros são aproximadamente 3.200.000, número que aumenta rapidamente.

É confortante saber que o Presi-

dente Lee não foi eleito por meio de comitês e convenções com todos os seus habituais conflitos, críticas e votos de homens, mas que foi chamado por Deus e depois apoiado pelo povo.

A Igreja conheceu três presidentes diferentes em três anos. Um editorial do **Deseret News** comentou a respeito:

“Em muitas organizações uma mudança tão rápida da cúpula diretiva provocaria facilmente perturbadoras alterações de direção com o conseqüente senso de hesitação e incerteza.

“Dentro da Igreja, pelo contrário, o sentimento durante esse período histórico tem sido de estabilidade e claro propósito, de constância em meio à mudança.” (**Deseret News**, 8 de julho de 1972, p. A-6)

O padrão divino não permite erros, nem conflitos, nem ambições, nem motivos egocêntricos. O Senhor reservou-se o direito de chamar os líderes que irão presidir a sua igreja. É um estudo de grande interesse e importância.

# Os Santos

Harold B. Lee tornou-se presidente da Igreja a 7 de julho de 1972, porém já fora ordenado apóstolo a 10 de abril de 1941, e indubitavelmente havia sido preordenado para essas responsabilidades num passado longínquo, mui longínquo, exatamente como seus predecessores. Há mais de um século o Profeta Joseph Smith declarava:

“Todo homem que tem um chamado para ministrar aos habitantes da terra foi ordenado a esse mesmo propósito no Grande Conselho dos céus antes que existisse o mundo.” (Joseph Fielding Smith, comp., **Teachings of the Prophet Joseph Smith**, edição 1940, p. 365).

Disse um dos primeiros apóstolos, referindo-se a Joseph Smith:

“Essa autoridade não lhe foi conferida quando viu primeiramente os anjos e recebeu alguns dos dons... isso requeria a imposição de mãos por alguém que possuísse a autoridade do Santo Sacerdócio.”

No tempo oportuno ele recebeu essa autoridade sob as mãos dos últimos detentores das chaves sobre a terra. O apóstolo prossegue:

“Quando Jesus... levou seus três discípulos para o monte, ele foi transfigurado diante deles, e Moisés e Elias vieram ministrar-lhes; naquela ocasião Pedro foi ordenado a deter as chaves daquela dispensação. Ele possuía as chaves em conjunto com seus irmãos Tiago e João.

“Nos tempos modernos eles vieram e, conjuntamente, impuseram as mãos sobre a cabeça de Joseph (Smith) e a de Oliver (Cowdery), ordenando-os à autoridade que eles próprios possuíam, isto é, a do apóstolado.” (George Q. Cannon, **Gospel Truth** [Zion's Book Store, 1957], vol. 1, pp. 253-54)

Para nós, o fato significativo é que desde 6 de abril de 1830, há cento e quarenta e dois anos, jamais houve um minuto sequer em que a Igreja estivesse sem liderança divina. Nenhum dos presidentes falecidos levou as chaves e autoridades para o mundo espiritual retirando-as da Igreja na terra.

No instante em que o espírito abandonou o corpo do Presidente Joseph Fielding Smith no dia 2 de julho, o Presidente Harold B. Lee, como presidente dos doze apóstolos, assumiu legitimamente o comando e tornou-se o verdadeiro e reconhecido líder visto ter sido preordenado, como disse Joseph Smith.

O Presidente George Q. Cannon fala da preordenação:

“É notável o fato de que Joseph Smith possuía dons antes de ser ordenado. Ele era vidente pois traduziu antes de ser ordenado; era profeta, pois predisse grande número de coisas antes de ser ordenado...; era revelador, pois Deus concedeu-lhe revelações antes da organização da Igreja. Ele, portanto, era um profeta, vidente e revelador antes de ser ordenado na carne.” (**Gospel Truth**, p. 253)

Em 7 de julho de 1972 o Quorum dos Doze tinha todos esses dons. E o Presidente Harold B. Lee os possuía e também as chaves e a plenitude do Sacerdócio desde 10 de abril de 1941, ratificados pelo Quorum dos Doze Apóstolos a 7 de julho deste ano.

Nosso Senhor tomou todas as providências para as mudanças. Atualmente há catorze apóstolos que detém em suspensão essas chaves, os doze mais os dois conselheiros do presidente, para serem postas em uso se e quando as circunstâncias o

permitirem, todos eles ordenados à liderança à medida que avançam segundo sua antigüidade.

Desde Joseph Smith existiram uns oitenta apóstolos assim investidos, embora somente onze tenham ocupado o lugar de presidente da Igreja, devido à intervenção da morte; e visto como a morte de seus servos fica a critério e controle do Senhor, ele permite chegar ao primeiro lugar apenas aquele destinado a assumir a liderança. Vida e morte tornam-se os fatores determinantes. Cada novo apóstolo, por sua vez, é escolhido pelo Senhor e revelado ao profeta, então em exercício, pelo qual é ordenado.

A questão de antigüidade é básica no primeiro quorum da Igreja. Isto é entendido perfeitamente por todos os apóstolos, e todos os membros bem instruídos da Igreja estão familiarizados com esse perfeito programa sucessório.

Joseph Smith conferiu aos doze apóstolos todas as chaves e autoridades e poder que ele próprio possuía e que havia recebido do Senhor. Deu-lhes todo “endowment”, todo lavamento e unção, e administrou-lhes as ordenanças seladoras.

Hoje temos a oportunidade, como tiveram-na os filhos de Israel, de renovar o convênio e apoiar um novo profeta. Disse o Senhor a Josué, e isto se aplica igualmente ao Presidente Lee:

“Nenhum se sustera diante de ti, todos os dias da tua vida: como fui com Moisés, assim serei contigo: não te deixarei nem te desampararei.” (Josué 1:5)

“Então disse o povo... ao Senhor serviremos.

“Serviremos ao Senhor nosso Deus, e obedeceremos à sua voz.

“Assim fez Josué concerto naque-

le dia com o povo." (Josué 24:21, 24-25)

Seja este, então, nosso convênio hoje.

Disse um dos líderes antigos: "Eu olho para nosso presidente — sempre vigio o capitão do navio com especial interesse, quando no oceano rodeado por icebergs ou quando em meio a forte tormenta... sempre vigiava seus olhos e comportamento imaginando... que poderia ter uma boa idéia do perigo ficando atento a ele. Tenho passado por tormentas nas quais todos os a bordo, exceto os élderes, esperavam sossobrar..." (**Gospel Truth**, p. 271)

Agora temos o privilégio de apoiar o Presidente Lee.

Uma regra importante que provavelmente conheceis foi-nos dada pelo Profeta Joseph Smith: "Vou dar-vos uma das chaves dos mistérios do Reino. É um princípio eterno que existe com Deus desde toda a eternidade. O homem que se levanta para condenar outros, encontrando falhas na Igreja, dizendo que estão andando errado enquanto ele próprio está certo, sabei então com certeza que esse homem está no caminho direto para a apostasia; e se não se arrepender, ele irá apostar tão certo como Deus vive." (**Teachings of the Prophet Joseph Smith**, pp. 156-57)

O Presidente Cannon adverte novamente: "Se algum de vós se entregou ao espírito de murmuração e de críticas, e permitiu que sua língua veiculasse pensamentos e palavras maldosos e em desacordo com o espírito do Evangelho... deveis arrepender-vos de todo o coração e sujeitar-vos na mais profunda humildade e implorar a Deus perdão por esse pecado — pois é um pecado extremamente grave.

"Os homens portadores do Sacer-

dócio são apenas homens mortais: são homens falíveis... (Ninguém o sabe melhor do que eles próprios.) Nenhum ser humano que alguma vez pisou esta terra foi livre de pecado, exceto o Filho de Deus..."

Isto é verdade em relação a todos os irmãos, tenho certeza.

"Não obstante, Deus elegeu esses homens. Ele os escolheu... mas ele os selecionou e conferiu-lhes a autoridade do Santo Sacerdócio, e eles tornaram-se seus representantes na terra. Ele os coloca como pastores sobre o rebanho de Cristo, e como vigias sobre as muralhas de Sião. E os tem como estritamente responsáveis... pela autoridade que lhes conferiu, e no dia do Senhor Jesus Cristo eles terão que levantar-se para ser julgados quanto à maneira em que exerceram essa autoridade. Se o fizeram imprópriamente e de maneira contrária aos interesses de sua obra e à salvação de seu povo, ai deles no dia do Senhor Jesus! Ele há de julgá-los..." (**Gospel Truth**, p. 276)

Esse mesmo apóstolo nos esclarece que a autoridade para julgar e condenar é dada pelo Senhor somente aos conselhos regularmente constituídos da Igreja, e não aos homens em geral: "... e os que erguem suas vozes... contra a autoridade do Santo Sacerdócio... descerão para o inferno, a menos que se arrependam." (**Ibid**)

Foi o Presidente Wilford Woodruff quem, nos últimos anos de vida, fez este pronunciamento: "Rogo ao meu Pai Celestial que derrame sobre mim o seu espírito, como seu servo, para que em minha avançada idade e durante os poucos dias que me restam na carne, eu seja guiado por sua inspiração. A Israel eu digo, o Senhor jamais permitirá que eu ou qual-

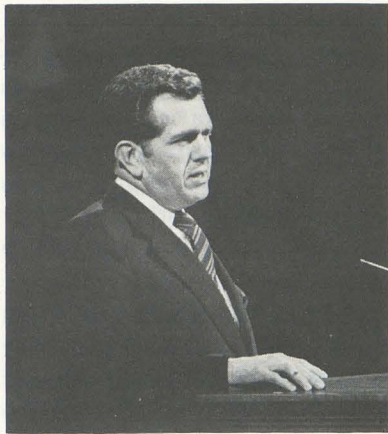
quer outro homem na posição de presidente da Igreja vos desencaminhe. Não é do programa. Não é da vontade de Deus. Se eu o tentasse, o Senhor me removeria do meu lugar, e o mesmo faria com qualquer outro homem que procurasse desviar os filhos dos homens dos oráculos de Deus e do dever deles..."

(**The Discourses of Wilford Woodruff** [Bockcraft, 1969] pp. 212-13)

Isto deve dar-nos profunda segurança.

Um outro líder escreveu: "Os homens não obtêm lugar nesta Igreja porque o querem. Se fosse sabido que um homem ambiciona determinado ofício na Igreja, este fato em si seria a sua derrota porque seu desejo não lhe seria concedido. É este o caso dos oficiais desta Igreja... (Eles) são responsáveis perante Deus. Deus (os) escolheu e nomeou, e a ele cabe corrigi-(los) se errarem." (George Q. Cannon, no **Deseret Weekly**, 21 de maio de 1898, p. 708)

Que o Senhor abençoe nosso novo presidente e seus conselheiros, e os apóie plenamente. Possamos nós, o povo, dar apoio total ao Presidente Harold B. Lee, o qual eu sei ser o profeta do Senhor aqui na terra. Presto testemunho de que Deus, cuja voz foi ouvida no Rio Jordão, entre os nefitas, no bosque em Nova York, é o nosso Pai Celestial; e aquele a quem aludiu ao dizer: "Este é o meu Filho amado, em que me comprazo," é nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o cabeça da Igreja. Presto testemunho também de que o Presidente Lee é um profeta de Deus, e que se o seguirmos, faremos grandes avanços no reino. Presto-vos este testemunho com todo fervor e sinceridade, e em nome de Jesus Cristo. Amém.



# Os Santos Em Segurança Habitam

Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze

**Não há na Igreja atividade mais importante que o ensino familiar**

**A** pós a reunião matutina de ontem e a desta manhã com o Presidente Lee, penso que podeis imaginar a nossa experiência quando, como os Irmãos, vamos ao templo para nos assentar em ditoso conselho com ele.

Foi numa dessas reuniões há pouco tempo atrás que me veio a inspiração para o assunto que abordo hoje. Naquela reunião cantamos como abertura o hino "How Gentle God's Command's (Quão brandos os mandamentos de Deus. Hino não vertido para o português. N. do T.) Mais tarde, em uma oração, o Presidente Lee incluiu esta frase do hino: "Debaixo do seu olhar vigilante, os santos em segurança habitam." Então, reverentemente deu graças ao Onipotente pela segurança e proteção de seus santos, rogando na mesma prece que continuasse a cuidar deles vigilantemente.

Senti-me tomado de profunda gratidão por haver, neste mundo caracterizado por agitações e até mesmo violência, um povo que se preocupa pelos outros.

Dizia Paulo aos santos de Efésio: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos

dos santos e da família de Deus." (Ef. 2:19)

Ser concidadão dos santos tem um grande significado. Todos podem receber essa cidadania através da ordenança do batismo, se quiserem — se quiserem arrepender-se e se preparar. Então, como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nunca mais precisam estar sós.

O indivíduo é tido como filho ou filha de Deus. Os membros da família são ensinados a darem apoio uns aos outros. Em famílias assim se cumpre parte do enunciado: Os santos em segurança habitam. Depois a estrutura familiar se encaixa maravilhosamente no cenário da organização da Igreja.

Os rapazes e moças que vivem longe do círculo familiar não ficam abandonados, pois continuam merecendo o cuidado vigilante. Quando se casam, recomeça mais uma vez o ciclo.

Alguns talvez não se casem, porém nunca ficam sós.

Quando os filhos deixam o lar paterno para iniciar a própria família, pai e mãe — agora chamados de

vovô e vovó — voltam a enfrentar a vida juntos como quando recém-casados. Este é o curso normal, esperado e desejável, porquanto o caminho do Senhor é um círculo eterno. Eles jamais são deixados sós.

Os filhos aprendem a venerar os pais, porém às vezes vivem muito longe. Seja como for, a Igreja estende sobre eles seu cuidado vigilante.

Depois, quando um deles se vai, a viúva idosa não fica solitária; pois a organização da Igreja mais uma vez lhe estende seu vigilante cuidado para satisfazer suas necessidades — espirituais, e temporais também, se for preciso — a fim de que ela possa habitar em segurança.

O processo é simples. Dois portadores do Sacerdócio são chamados pelo presidente do seu quorum e designados pelo bispo a visitar regularmente a casa dos membros, sob o título de mestres familiares do Sacerdócio. Eles são os guardiães do indivíduo e da família.

Quando decidi falar do ensino familiar do Sacerdócio, dei-me conta claramente de que na Igreja existem atividades mais excitantes e algumas mais interessantes. Talvez até

mesmo a maioria tenha mais atrativos.

Tempos atrás visitei certo lar depois da reunião sacramental. A mãe indagou do filho adolescente como fora o dia. O rapaz, franco e resoluto como costumam ser os jovens, respondeu:

— Ótimo, com exceção da reunião sacramental.

A mãe inquiriu a respeito da reunião sacramental e obteve como resposta:

— Bem, quando nos livrarmos de ouvir sumos conselheiros falando sobre o ensino familiar e o plano do bem-estar do Sacerdócio, será um grande dia!

A mãe, humilhada, atalhou:

— Ora, David, o Élder Packer aqui é o encarregado de um desses programas para a Igreja toda.

— Sei disso, — retrucou o rapaz. — Por que então não faz algo a respeito?

Meu rapaz, eu estou, agora mesmo, fazendo tudo que posso a respeito do caso. Quero explicar-lhe uma coisa. Talvez você ache que os dois programas — que são intimamente relacionados — podem ser muito mais interessantes. Mas, interessantes ou não, eles são vitais para a nossa segurança.

A propósito, meu jovem, você pode alistar-me com o tal sumo conselheiro que fala dos programas básicos do Sacerdócio. E a nós dois junte o seu treinador que fala de disciplina e treinamento, e o professor de música que insiste em horas de exercício para uns poucos minutos de execução em público. Aliste conosco os seus pais que insistem em que você aprenda a trabalhar e a dar atenção às coisas fundamentais da vida.

Repito, pode haver coisas muito mais atraentes, mas não existe nenhuma mais importante.

É interessante como coisas tão básicas são menosprezadas. Por exemplo, temos dentro de nós determinado suprimento de sangue para distribuir elementos nutritivos aos tecidos orgânicos, recolher o material residual e portador de defesas contra doenças e infecções. O sangue é mantido em circulação pelo incessante e seguro bombeamento do coração. Ele é vital para a vida.

Não obstante, um corte no dedo geralmente merece mais atenção e maior cuidado. Ninguém se importa muito com o pulsar do coração até que surja uma ameaça de que possa falhar ou parar. Só então a gente dá atenção.

Por mais estranho que seja, ao ensino familiar é dado tão pouco valor que a maioria dos membros quase não lhe dá atenção, participando dele rotineiramente, às vezes até com certo enfado. Todavia, é por meio dele que os membros da Igreja recebem proteção e vigilante cuidado não existente em outra parte qualquer.

Imaginemos um homem convidando seu companheiro, geralmente um rapaz ainda adolescente, a passar uma noite visitando o lar de cinco ou seis famílias. Eles chegam trazendo incentivo, para averiguar as necessidades espirituais, e interessando-se pelo bem-estar da família, de modo que todos saibam que existe alguém a quem podem recorrer em momentos de necessidade.

Se surge uma doença, é possível fornecer ajuda. As crianças são cuidadas, visitas providenciadas. Aqui se encontram os mestres familiares do Sacerdócio com as professoras visitantes da Sociedade de Socorro. Muitas vezes o problema não é doença, mas um adolescente com suas dificuldades, ou uma criança que não vai indo como deveria.

Através desse canal do ensino familiar do Sacerdócio pode fluir uma força sustentadora até os limites dos recursos terrenos da Igreja. Mas isto não é tudo; por esse canal pode fluir um poder espiritual redentor que atinge os limites do próprio céu.

Por meio do ensino familiar foram evitadas tragédias, almas decadentes puderam ser reerguidas, necessidades materiais foram preenchidas, mágoas foram amenizadas. Enfermos foram curados através da ministração. Embora prosseguindo sem alarde, esse trabalho é inspirado pelo Deus Todo-poderoso e é fundamental para o sustento espiritual deste povo.

Os líderes da Igreja despendem muito esforço para que funcione o ensino familiar do Sacerdócio. Embora tido como certo e garantido, sempre se tomam providências para sua continuidade, e sempre se tomarão. Seus princípios jamais mudaram, nem com as alterações da sociedade nem com as diversas adições na programação da Igreja. Sem ele a Igreja poderia facilmente deixar de ser a Igreja. E volto a dizer, ainda que algumas atividades possam parecer mais sugestivas, nenhuma é mais importante.

Sou grato pelos muitos programas de atividade que temos. Eles são um condimento, um tempero ou uma sobremesa. Tornam a vida mais interessante, principalmente para nossos jovens. Sou todo a favor deles e não gostaria de vê-los negligenciados, nem conseguiríeis persuadir-me a dispensá-los.

Reconheço que uma igreja com ensino familiar somente pode parecer, para uma pessoa jovem, quase tão enfadonha como uma refeição sem temperos ou sobremesa. Contudo, sinto certa preocupação quando nossos líderes locais se concentram in-

teiramente em programas de atividade negligenciando o ensino familiar do Sacerdócio.

Aos nossos bispos eu digo que querer sustentar os jovens tão somente com programas de atividade seria o mesmo que tentar fazer um atleta às custas de uma dieta de barras de chocolate e refrigerantes. Eles podem sentir-se atraídos por eles, porém não lhes servirá de nutriente. Nenhum empenho para redimir vossos jovens pode ser mais produtivo do que o tempo e a atenção dedicados ao ensino familiar do Sacerdócio. Porque o objetivo do ensino familiar do Sacerdócio é fortalecer o lar, e como diria o adolescente, e ele geralmente sabe: "É ali que está a coisa." Não compreendeis que conservando essa linha de comunicação vital com o lar, não apenas estais fortalecendo o lar mas as atividades se tornam muito melhores e mais gostosas?

Existem muitos meios de estimular nossa juventude. Somos bastante inventivos e aparentemente capazes de descobrir meios excitantes. Mais cedo ou mais tarde seremos compelidos a fazê-lo à maneira do Senhor.

Lembro-me do caso de um caçador de peles que juntara modesta fortuna apanhando raposas. Decidiu ir para o sul no inverno e deixou suas linhas de armadilhas aos cuidados de um jovem e bem treinado assistente. Ensinou-lhe cuidadosamente como armar os laços e onde colocar a isca.

Quando voltou na primavera, encontrou muito poucas peles para seu desapontamento.

— Você fez exatamente como eu ensinei? — perguntou ao moço.

— Oh, não, — respondeu este. — Descobri um jeito muito melhor.

A vós, bispos e líderes de quorum, recomendo insistentemente que deis a devida atenção ao ensino familiar

do Sacerdócio. Não desobrigueis os mestres familiares tentando realizar o trabalho deles por outro meio. Podeis inventar centenas deles na tentativa de fortalecer vossos jovens, porém mais cedo ou mais tarde sereis obrigados a voltar à maneira do Senhor.

Recordo o que diz certo trecho das Escrituras:

"Quem sou eu, diz o Senhor, para prometer e não cumprir?"

"Eu mando e os homens não obedecem; revogo e eles não recebem a bênção.

"Depois dizem em seus corações: Esta não é a obra do Senhor, pois suas promessas não se têm cumprido. Mas aí desses, pois embaixo os espera a sua recompensa, e não em cima." (D&C 58:31-33)

A vós, mestres familiares — vós que fazeis as visitas rotineiras, não poucas vezes consideradas maçantes — não encareis levianamente essa designação nem como mera rotina. Toda hora gasta, todo passo dado, toda porta em que bateis, todo lar que saudais, todo incentivo que ofereceis, é uma dupla bênção.

É uma verdade interessante que os mestres familiares muitas vezes aprendem no decorrer das visitas a uma família. De fato, freqüentemente é duvidoso quem colhe mais benefícios, mesmo em momentos de sacrifício e serviço prestados por um mestre familiar — se a família a quem serve ou ele próprio.

Lembro-me de uma lição muito significativa aprendida como mestre familiar.

Pouco antes de casar-me fui designado com um companheiro mais velho a servir como mestre familiar de uma senhora idosa. Sendo semi-inválida não podia sair de casa e muitas vezes quando batíamos à sua porta ela respondia pedindo que entrássemos. Era quando não conseguia

andar e então deixávamos nossa mensagem enquanto ela continuava de cama.

Eventualmente descobrimos que ela apreciava sorvete de limão. Frequentemente parávamos numa sorveteria antes de fazer essa visita. Pelo fato de conhecermos sua predileção, éramos duplamente bem-vindos naquela casa.

Certa vez meu companheiro sênior não pôde ir por motivos que não mais recordo. Então fui sozinho e seguí o ritual de antes comprar um pacote de sorvete de limão.

Encontrei-a de cama. Ela expressou grande preocupação por um dos netos que no dia seguinte devia submeter-se a séria intervenção cirúrgica. Perguntou se eu não queria ajoelhar-me ao lado de sua cama para oferecer uma oração em favor do bem-estar da criança.

Depois da prece, pensando no meu casamento iminente, presumo, ela disse:

— Esta noite eu é que vou ensiná-lo, — dizendo que ia contar-me uma coisa que eu nunca devia esquecer. Então começou a lição da qual me lembro sempre, a narração de um incidente da sua própria vida.

Uns poucos anos depois de casar-me no templo com um excelente rapaz, quando ambos se concentravam nos afazeres de sua nova vida e em criar os filhos, certo dia chegou uma carta da "Caixa B". (Naqueles tempos uma carta da "Caixa B" da Cidade de Lago Salgado era invariavelmente um chamado para missão.)

Para grande surpresa deles estavam sendo chamados como família para um dos continentes mais remotos do mundo a fim de ajudar a abrir o país para o trabalho missionário. Depois de ali servirem bem e fielmente durante vários anos, eles voltaram para casa reencetando a tarefa de criar a família.

Então a frágil senhora focalizou determinada manhã de segunda-feira em que houve irritação e alguma desavença, seguida de palavras mordentes entre marido e mulher. Interessante notar que ela não conseguia lembrar-se de como tudo começou ou sobre o que fora.

— Mas, — prosseguiu ela, — seja como for, não consegui reprimir o impulso de segui-lo até o portão e, enquanto ele seguia seu caminho para o trabalho, gritar aquela última e mordaz observação.

Depois, com as lágrimas a correr, ela falou do acidente ocorrido naquele dia e que vitimou o marido.

— Há cinqüenta anos vivo no inferno, — soluçou, — por saber que as derradeiras palavras que ele ouviu de meus lábios foram aquela observação mordaz.

Era esta a mensagem para o seu jovem mestre familiar, oferecida com a admoestação de nunca esquecê-la. Ela tem sido de grande proveito para mim. Desde então aprendi

que um casal pode conviver sem que haja entre eles palavras amargas.

Tenho muitas vezes meditado nas visitas àquele lar, sobre o tempo gasto e os poucos centavos empregados em sorvete de limão. Aquela irmãzinha há muito se foi para além do véu, o mesmo acontecendo com meu companheiro sênior. Porém, a poderosa experiência daquele ensino familiar, da lição recebida pelo mestre familiar ainda persiste em mim, e tenho tido ocasião de passar a mensagem dela a jovens casais diante do altar matrimonial e ao aconselhar pessoas por este mundo afora.

Existe como que um gênio espiritual no ensino familiar do Sacerdócio. Todo portador do Sacerdócio que se empenha nessa designação pode acabar regiadamente recompensado.

Indagados sobre suas designações na Igreja tenho ouvido homens responder: "Sou apenas um mestre familiar."

Apenas um mestre familiar. Apenas o guardião de um rebanho. Ape-

nas aquele indicado para onde o ministério importa mais. Apenas um servo do Senhor!

É por causa de vós, os mestres familiares do Sacerdócio, que um verso do hino diz com razão:

"Debaixo de seu olhar vigilante,  
Os santos em segurança habitam.  
A mão que a natureza inteira sus-  
[tenta,]

Aos filhos seus, amparo dará."

Presto testemunho de que Jesus é o Cristo, de que esta é a sua igreja e seu reino. Somos os portadores do Sacerdócio e da autoridade por ele delegados. Somos presididos por um profeta o qual, como homem que é, não consegue abarcar o mundo, estendendo-se a todo ramo, toda missão, toda estaca. Todavia, delegando de sua autoridade e das chaves que detém, ele pode não só alcançar as estacas e alas e ramos, como estender-se a cada lar, a cada indivíduo, e abençoá-los e ampará-los, para que os santos possam habitar em segurança. Em nome de Jesus Cristo, Amém.

---

---

# Confirma Teus Irmãos

Pres. Paul H. Dunn

## A obrigação dos Santos na integração de membros novos

**A**parecendo aos nefitas, o Senhor falou: "E novamente vos digo que vos deveis arrepender, e ser batizados em meu nome e tornar-vos como uma criança, ou de nenhuma forma podeis herdar o reino de Deus." (III Néfi 11:38). Esta foi sua verdadeira advertência.

Há exatamente vinte e três anos eu ingressava como aluno na Faculdade Chapman na Califórnia Meridional, onde vim a ficar sob a influência do Dr. Guy M. Davys, filósofo, educador e mestre. Depois de vinte e três anos, sexta-feira passada fez exatamente três semanas, eu vi esse homem magnífico, de tão brilhante

intelecto, tornar-se como uma criança ao entrar nas águas do batismo filiando-se à Igreja.

Presenciando o batismo de meu amigo, lembrei-me de outra passagem das Escrituras. O Senhor admoestando Pedro, seu principal apóstolo, deu-lhe esta simples instrução e conselho, segundo Lucas registra:

“... quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:32) Eu oro para que o bom bispo, o mestre familiar, a congregação da ala para a qual foram designados meu amigo Guy e seus familiares, fortaleçam estes irmãos.

Permitiram-me contar uma experiência pessoal. Confirmar ou fortalecer nosso irmão penso eu, adquirir mais sentido quando pensamos em nos solidarizar e nos mostrar amistosos com nossa família. Tempos atrás quando minha filha mais nova viu-se diante da contingência de frequentar uma nova escola, ela aguardava essa experiência com grande expectativa e emoção, porém também com as costumeiras apreensões e preocupação. Como pais, tentamos tornar-lhe a experiência significativa e positiva, passando várias horas procurando prepará-la mentalmente para a mudança.

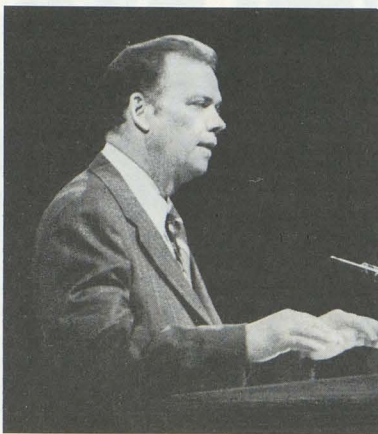
Finalmente chegou o dia tão ansiosamente aguardado. Planejamos uma noite especial para dar-lhe conforto e orientação espiritual. Mais tarde, ao preparar-se para deitar, ela era toda expectativa quanto ao dia seguinte. Na dita manhã apareceu para o desjejum ainda de camisola dizendo:

— Papai, penso que seria melhor eu não ir à escola hoje.

— Por quê?

— Eu acho que vou ficar doente.

Todos já sabem o que ela tentava dizer-nos, não é? Eu não sei como enfrentar a nova situação, papai. Será que farei amigos? A professora irá gostar de mim? Será que me enquadrarei no grupo social? Eles vão me aceitar? Eis as preocupações que



**Presidente Paul H. Dunn**  
Do Primeiro Conselho dos Setenta

todos nós experimentamos ao nos encontrarmos em situação social nova e diferente.

Ela sabia qual seria a minha resposta e concordou em que eu a levasse até a escola. Chegando diante da escola ouvimos o sinal. Em seus olhos começaram a surgir lágrimas. Desci do carro disposto a ajudá-la. Depois de andarmos uns três metros ela agarrou-se à minha perna e olhando para mim como só uma criança olha para o pai, falou filosoficamente:

— Papai, se você me ama de verdade, se você me ama de verdade — não me mande entrar ali.

Então respondi-lhe:

— Querida, você talvez não consiga compreendê-lo ainda, mas é justamente por causa do amor que lhe tenho que vou levá-la lá dentro.

E assim fiz. Quando passamos pela porta ela agarrou-se à outra perna e não largou mais. Muitos alunos passaram por nós e se foram, e finalmente aconteceu o pequeno milagre que tudo mudou.

Não sei de onde surgiu a maravilhosa colega simpaticante, a “fada” de solidariedade que sabia como esquecer-se de si servindo os outros, alguém que sabia seguir a admoestação do Salvador de fortalecer os amigos. Com a exuberância da juventude a garotinha gritou:

— Olá, Kellie, como vai você?

— Muito bem.

— Em que sala você vai ficar? — E depois: — Formidável. Eu estive nessa sala no ano passado. Vem comigo, eu vou levar você até lá.

E antes de saber como, Kellie havia largado a minha perna e se afastara uns dez passos quando percebeu o que acontecera. Jamais hei de esquecer sua expressão e a lição que me deu ao olhar para trás dizendo:

— Ó, papai, pode ir agora; eu não preciso mais de você.

Graças a Deus pela gente miúda bem como pela gente grande que sabe como fazer amizade e solidarizar-se.

Milhares de pessoas ingressam na Igreja todos os meses. Oro que tenhamos o espírito necessário para seguir o conselho do Senhor e fortalecermos a nossos irmãos. Oro para que um excelente bispo e um maravilhoso mestre familiar e outros membros estejam cuidando de meu amigo Guy Davis.

Eu testifico a divindade desta igreja. Ela é real. Apóio o Presidente Lee como profeta, vidente e revelador. Sei que ele foi chamado e ordenado por Deus. Sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo, do que presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.



## Uma Noite de Vinhetas Históricas

**V**inhetas — peças literárias para representação, escritas por autores SUD — são uma parte dramática essencial do Festival de Arte Mórmon da Universidade Brigham Young, realizado todos os anos.

Este mês a Liahona apresenta uma seleção desses breves esboços literários do festival de 1972, uma seleção baseada em histórias dos pioneiros santos dos últimos dias. \* As vinhetas incluem excertos de cartas, anotações, diários e discursos de conferências de pioneiros, bem como relatos fictícios de incidentes históricos. Cada peça fornece cálidos vislumbres da vida dos santos que abriram caminho para o Oeste; cada uma delas sugere meios de como aplicar princípios do Evangelho em nossa vida de hoje.

Achamos que nossos leitores irão sentir um vínculo de confraternização com os santos cujas histórias são contadas nestas páginas. A primeira pessoa em seu país ou cidade ou bairro ou círculo de amigos a entrar para a Igreja é, ela própria, uma espécie de pioneiro que mostra aos outros um caminho novo, melhor. Às vezes ela também sofre escárnio, é ridicularizada e mesmo perseguida.

Estas pequenas peças perstam-se não só para leitura como também podem ser representadas em reuniões de família e nas classes e atividades da Igreja. Tais representações são relativamente fáceis de realizar. Os participantes precisam simplesmente verificar suas partes com antecedência a fim de se familiarizarem com as "falas" que deverão ler. Talvez seja possível realizar um ou dois ensaios.

Num ambiente informal como num grupo familiar, os leitores talvez prefiram não ficar separados dos ouvintes, lendo suas partes sentados junto com os demais familiares. Em classe, os leitores podem sentar-se ou ficar de pé diante da audiência, ou dentro de um círculo formado pelos ouvintes.

Para reuniões maiores pode-se usar o palco e efeitos luminosos, como por exemplo num salão cultural. Os participantes podem vestir-se todos de preto ou em trajes vivamente coloridos. Ou então poderiam improvisar indumentária da época, dando assim um sabor e ambiente especial ao número.

Os esboços são adaptáveis para praticamente qualquer situação. Os ouvintes podem ser encorajados a fazer coro nos hinos requeridos na apresentação.

Se preferem ficar de pé, sentados, participar ou ouvir; se escolhem apenas uma das peças ou apresentam todas; se são encenadas em família ou como entretenimento para um grupo maior, ou se querem lê-las só para si — é só escolher. Seja qual for o caso, estas vinhetas podem ser uma fonte de inspiração para todos — leitores e ouvintes.

\* Estas historietas inspiradoras foram coletadas e preparadas por: Dr. Harold Oaks, Judith Piquet, Kristen Addoms, Tom Bay, Walt Berry, Everett Balck, Cristy Clark, Pamela Gorman, Calleen Jean Trvine, Rebecca Rowland e Lee Russel.



## O Gelo

*Personagens:*  
*Susana Tyler*  
*Sr. Tyler*  
*Missionário*  
*Jane Tyler*

Julho de 1973

### **SUSANNA:**

Meu pai e irmãos eram totalmente contrários a que minha irmã se batizasse na Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Mas ela se batizou na primeira oportunidade que encontrou. Por volta de dezembro de 1832 apareceu na nossa vizinhança um élder da Igreja, o qual visitou nossa casa a convite de minha irmã.

### **SR. TYLER**

Enquanto estive ausente de casa minha filha deu ouvidos a alguns de vocês pregadores mórmons. E agora ela quer ser batizada, mesmo depois de saber que nunca mais poderá botar os pés nesta casa, se o fizer. Vou dizer-lhe uma coisa — seja quem for que a batizar irá fazê-lo com risco de vida, pois eu e meus filhos estaremos lá com nossas armas!

### **MISSIONÁRIO:**

Sr. Tyler, nós não vamos batizar sua filha contra a sua vontade. Se a nossa doutrina é verdadeira, do que damos testemunho, o pecado de impedir que ela a abrace será sobre a cabeça do senhor, não sobre a nossa nem a dela.

### **SUSANNA:**

Estas palavras compungiram seu coração e ele começou a pensar que possivelmente os mórmons estivessem certos e ele errado. Assim, pois, decidiu aconselhar sua filha a respeito do assunto e depois permitir que ela exercesse seu livre arbítrio. Assim, ficaria eximido de qualquer responsabilidade.

### **SR. TYLER**

Você pode decidir por si mesma, Jane. Suponho que poderá ser a melhor religião do mundo se o que esses rapazes dizem for verdade; mas se não for, ela é a pior. Esses rapazes sabem se ela é verdadeira ou falsa, eu não. Pense bem antes de tomar uma decisão.

### **JANE:**

Eu pensei no caso durante muito tempo e com muito jejum, estudo e oração. Eu sinto, pai, que é meu dever batizar-me o mais cedo possível.

### **SUSANNA:**

E assim papai acomodou minha irmã, os élderes mórmons e mais alguns de nós num trenó puxado a boi para irmos até o Lago Erie, distante uns três quilômetros. Chegando lá, os homens abriram um buraco na camada de gelo de quase um metro de grossura que recobria o lago para Jane poder ser batizada em Igreja de Jesus Cristo.



# Excertos das Memórias de Jane Grover

**JANE GROVER:**

Certa manhã achamos de ir colher groselhas. Pai Tanner arreou uma parelha de cavalos a uma carroça leve e pusemo-nos a caminho — ele, sua netinha, duas irmãs de nome Lyman e eu. Chegando lá nas matas, dissemos ao ancião que fosse descansar numa cabana enquanto íamos colher as groselhas.

Não demorou, a garotinha e eu nos tínhamos afastado dos demais. Subitamente ouvimos gritos e, voltando-nos pudemos ver alguns índios aproximando-se aos gritos e berros enquanto outros mais vinham chegando. Quando estávamos já na carroça com Pai Tanner prontos para partir, quatro índios seguraram o carro

enquanto outros dois agarravam os cavalos pelo freio. Então chegou outro índio querendo me tirar de cima da carroça. Aí comecei a ficar com medo e também zangada, e pedi que Pai Tanner me deixasse descer e sair em busca de socorro. Mas ele respondeu:

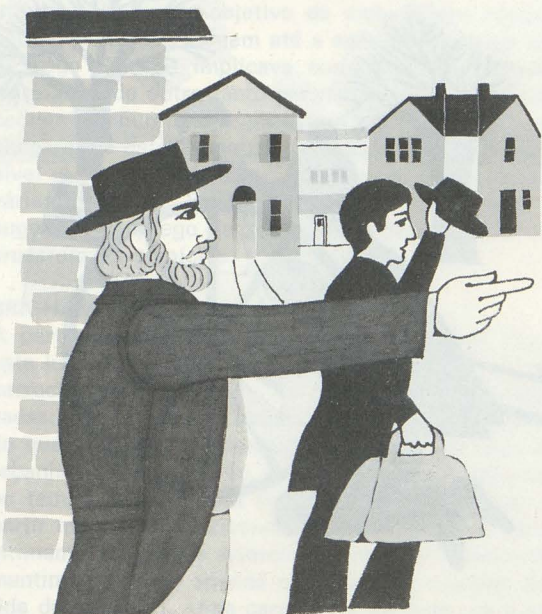
— Pobre criança. É muito tarde para isso.

O rosto dele estava branco como papel! Os índios estavam agora roubando-lhe o relógio e o lenço, enquanto continuavam tentando me tirar do carro.

Comecei a apelar mudamente ao meu Pai Celestial. Enquanto eu orava e me defendia lutando, o Espírito do Todo-poderoso veio sobre mim fazendo com que me erguesse com grande poder e falasse aos índios em seu próprio idioma. Eles largaram os cavalos e a carroça, e ficaram parados na minha frente enquanto eu lhes falava pelo poder de Deus. Abaixaram a cabeça e responderam "sim" de maneira a que eu soubesse o que queriam dizer. Pai Tanner e a garotinha olhavam estáticos em mudo assombro.

Compreendi a nossa situação. Eles pretendiam matar Pai Tanner, queimar a carroça e levar a nós, mulheres, como prisioneiras. Isto foi-me mostrado claramente. Quanto terminei de falar eles trocaram um aperto de mão com todos nós devolvendo tudo que haviam roubado de Pai Tanner; este deixou que ficassem com o lenço. Nesse momento chegaram as outras duas mulheres e partimos depressa para casa.

O Senhor me concedeu a interpretação de parte do que dissera, como segue "Presumo que vocês, guerreiros índios, pensam em nos matar. Então não sabem que o Grande Espírito está vigiando vocês e sabe tudo que se passa em seus corações? Viemos aqui para colher alguns dos frutos de nosso Pai, não viemos para feri-los. E se vocês nos fizerem mal, ou tocarem nem que seja num cabelo nosso, serão lançados ao chão pelo Grande Espírito e não terão força para respirar um fôlego sequer. Nós fomos expulsos de nossos lares assim como vocês. Viemos para cá para ajudá-los e não para prejudicá-los. Somos o povo do Senhor e vocês têm que deixar de matar e fazer maldades. O Senhor está desgostoso com isso e se continuarem assim ele não os fará prosperar. Vocês acham que toda esta terra, estas matas, a água e os cavalos são seus. Mas vocês não são donos de nada nesta terra, nem mesmo do ar que respiram. Tudo pertence ao Grande Espírito."



## Richard Benson

### Personagens:

Bispo

Richard Benson

Heber C. Kimball

Phoebe Benson

### BISPO:

Richard Benson nasceu em Wrightington, Inglaterra, no ano de 1816 e faleceu em Center Creek em 1895. Não o lamentem, ele encontrou merecido repouso.

Ele foi batizado na Inglaterra por Heber C. Kimball que o mandou em missão para New Castle, no Tyne (Inglaterra). Ali Richard batizou quarenta e sete pessoas, inclusive Phoebe. Mais tarde, já em Nauvoo, ele cumpriu outro chamado na Inglaterra. Dessa vez, casou-se com Phoebe, trazendo-a para o Grande Lago Salgado. Porém, mal acabavam de instalar-se quando o Irmão Brigham os incumbiu de estabelecerem o núcleo de Center Creek — outros quatrocentos quilômetros além, em pleno sertão...

Eu conheci o Irmão Benson. Tinha um grande amor ao Senhor e ia para onde fosse chamado.

### OUVINTES:

Cantam as duas primeiras estrofes do hino 57, "Talvez Não Seja ao Alto Mar".

### RICHARD:

Em abril de 1886 fui para a conferência no Grande Lago Salgado — foram quinze dias de carroção. Ali reuni-me com os santos no Tabernáculo de Deus, e ouvi meu nome sendo chamado por Heber C. Kimball.

### HEBER:

Richard Benson — missão na Grã-Bretanha.

### BISPO:

Mais tarde, Richard teve uma breve conversa com o Irmão Heber.

### HEBER:

Irmão Benson, quando lhe seria mais conveniente partir?

### RICHARD:

Bem, Irmão Kimball, preciso ir para casa e conversar com Phoebe.

### HEBER:

Mas isso, Richard, levaria um mês!

### RICHARD:

Mas...

### HEBER:

Conversar sobre o quê?

### RICHARD:

Bem, sobre as colheitas, a aração e o plantio, além da reserva de lenha para o próximo inverno e o inverno seguinte, para Phoebe e as crianças.

### HEBER:

Eu conheço a Phoebe, Richard. Ela saberá arranjar-se sem você. Vou pedir ao seu bispo que dê suas despedidas e cuide de sua família. A caravana para Missouri parte depois de amanhã. Deus o abençoe, Elder Benson. Quando voltar, traga alguns mineiros e construtores de moinhos e pedreiros, homens capazes e fiéis que nos ajudem a construir Sião.

### RICHARD:

Por que eu parti — sem mesmo me voltar para dizer um adeus a Phoebe? Porque eu, também, conhecia Phoebe. Para ela, Heber C. Kimball, que me batizou, ainda é um servo de Deus. E quando o Irmão Kimball diz a um homem: "Vá", ele vai.

**BISPO:**

Phoebe Forrester, esposa de Richard Benson, nascida em 1820, faleceu em 1904.

**PHOEBE:**

Como me senti quando o bispo chegou à minha porta e disse —

**BISPO:**

Seu marido, Phoebe, seu marido está neste momento cruzando as planícies — para uma missão na Inglaterra.

**PHOEBE:**

Eu fiquei ali parada feito estátua de sal. Dois anos. Estará longe por vinte e quatro meses; setecentos e vinte dias; dezessete mil quinhentas e vinte horas. Foi embora. Mas por que não voltou pelo menos para me dizer?

**BISPO:**

Dizer o que, Irmã Benson?

**PHOEBE:**

Olhei para as crianças que nos observavam com olhares confusos. Eu sei o que meu marido me diria e sei também da minha resposta. Ambos sabemos que a gente tem que ir quando o Senhor chama. Ainda assim, ao menos poderia ter voltado para casa!

Não, partindo agora — ele estará de volta quatro semanas mais cedo. Sempre diziam que eu era capaz de tirar o melhor partido de qualquer situação. E é isto que tive que fazer, dia após dia, por longos dois anos. Às vezes não me restava nem um níquel na bolsa, e todo o trabalho ficava para mim, dentro e fora de casa, além de cuidar das crianças e discipliná-las. E quando caíam doentes com crupe, cólera ou varíola, era sempre eu que devia atendê-los durante a noite, sempre eu.

Mas, não sei como os níqueis sempre rendiam mais, a lenha não queimava tão depressa, o trigo diminuía mais devagar. E fomo-nos arrumando enquanto arrancávamos as setecentas e vinte páginas da folhinha ao som dos cento e vinte e seis milhões, cento e quarenta e quatro mil tiquetaques do relógio sobre a lareira. E então, finalmente vimos o chefe da família parado à porta. Nós conhecemos a alegria reservada para aqueles que vão para onde o Senhor os mandar.

**OUVINTES:**

Cantam as duas estrofes finais de "Talvez Não Seja ao Alto Mar".



## Companhia de Carrinho-de-mão

*Personagens:*

*1.º Narrador  
Brigham Young  
Elizabeth Tait  
Jane  
2.º Narrador  
Sarah  
Polly  
Mãe de Polly  
Garoto dos Chislett  
William Tait*

**1.º NARRADOR:**

Ir para Sião era o objetivo da maioria dos novos conversos. Porém, a viagem até a sede da Igreja na Cidade de Lago Salgado implicava numa extensa jornada por terra além de outro tanto por mar para aqueles que procediam da Europa. O problema de fazer os membros chegarem à estaca central de Sião no menor tempo possível e da forma menos dificultosa foi resolvido de várias maneiras. Em 1853 o Presidente Brigham Young sugeriu o emprego de carrinhos-de-mão para os santos cruzarem as planícies.

**BRIGHAM YOUNG:**

A partir do Rio Missouri as famílias podem chegar a este lugar em menos tempo e com menos fadiga usando carrocinhas e carrinhos de mão e trazendo algumas vacas, um pouco de farinha e nada de desnecessário do que seguindo as grandes caravanas com seus lerdos rebanhos. Elas poderão chegar aqui em menos tempo, ou tempo igual, e com despesa menor, além de poder partir mais cedo escapando às doenças que anualmente vitimam tão grande número de irmãos. Precisarão de mantimentos para apenas noventa dias a contar da partida do Missouri. Uma carrocinha, ou duas, se a família for numerosa, pode transportar tudo que a família necessita na travessia das planícies.

**1.º NARRADOR:**

E assim eles se reuniram e prepararam carrocinhas puxadas a mão para a caminhada de aproximadamente mil e novecentos quilômetros até Utah. Eram pessoas das mais diversas experiências que se reuniam para a jornada que transcenderia tudo que já lhes acontecera na vida.

**ELIZABETH:**

Eu me chamo Elizabeth Xavier Tait. Nasci na cidade de Bombaim, na Índia, em 1833, de família abastada e aristocrata. Fui educada nas melhores escolas da Índia, tendo terminado meus estudos aos catorze anos de idade. Minha família não via com bons olhos o fato de eu ter-me batizado na Igreja. Imploraram-me que abandonasse meu marido, William, e a Igreja, ficando com eles na Índia. Mas, depois que meu filhinho foi subitamente vitimado pela cólera, convenci-me de que não devia atender ao pedido de meus familiares e amigos. Meu marido seguiu para Sião antes do que eu porque minha saúde era por demais precária para poder acompanhá-lo na ocasião.

Ao partir, fui deserçada por minha família. Durante minha viagem para a Inglaterra tive que enfrentar uma de minhas mais duras provações. Minha garotinha ainda bebê, a última de minhas crianças, adoeceu e faleceu sem que eu nada pudesse fazer.

Chegando à América, vi-me incluída na quarta companhia de carrinhos-de-mão, chamada companhia Willie.<sup>1</sup>

**JANE:**

Cheguei a Nova York, proveniente da Inglaterra, em companhia de meus pais, John e Alice Ollorton, e mais duas irmãs. Seguimos de trem até Iowa onde estavam-se reunindo santos para formar uma companhia de carrinhos-de-mão. Eu tinha então quinze anos, sendo a filha do meio. Fomos designados para a companhia Martin<sup>2</sup>, o quinto grupo de santos a partir para o Vale do Lago Salgado no ano de 1856.

**1.º NARRADOR:**

Das cinco companhias de carrinhos-de-mão formadas em 1856, três chegaram ao Vale do Lago Salgado sem maiores problemas. As duas últimas, as companhias Willie e Martins, sofreram diversos atrasos que mais tarde exigiram um preço muito, muito elevado.

**2.º NARRADOR:**

A companhia liderada por Edward Martin era composta de 576 homens, mulheres e crianças, 141 carrinhos, 7 carroções, trinta bois e 50 cabeças de gado. Os carros-de-mão tinham a mesma largura dos carroções para que as rodas pudessem seguir a trilha marcada pelos carroções precedentes. Todos eles tinham na frente uma barra transversal de modo que pudessem ser puxados por diversas pessoas ao mesmo tempo. Outros ajudavam empurrando. A primeira parte da viagem foi bem.

**JANE:**

A gente costumava cantar enquanto caminhava. Ninguém diria que estávamos vindo de Iowa City, uma longa e árdua jornada de 440 a 480 Km, a não ser por nossas roupas empoeiradas e rostos queimados de sol. Uma das canções entoadas durante a marcha intitulava-se "Uns Têm que Puxar, Outros Têm que Empurrar."

**1.º NARRADOR:**

O segundo ponto de parada para esses grupos era Florence, no Nebraska. Mais tarde John Taylor escreveu que "as companhias Willie e Martin se demoraram aqui mais tempo que o previsto porque os carros-de-mão eram impróprios para a jornada através das planícies; alguns precisavam de novos eixos e todos tiveram que receber uma peça de ferro aparafusada para impedir que as rodas desgastassem a madeira."

**JANE:**

A companhia Martin partiu para Sião no dia 24 de agosto. Muitos dos colonos ao longo do caminho faziam troça de nós vendo-nos puxando os carrinhos, mas nós não

ligamos. O tempo estava ótimo e a estrada excelente; e embora eu estivesse doente e todos à noite se mostravam exaustos, achávamos que era um modo glorioso de chegar a Sião.

**SARAH:**

Ouvi a respeito do Evangelho primeiro na Inglaterra e, sabendo ser ele verdadeiro, sabia que tinha que estar com os santos. Encontrei John em Iowa City quando a companhia de carrinhos-de-mão estava sendo formada. Era uma pessoa tão maravilhosa e igualmente um converso da Inglaterra. A longa caminhada através de Iowa e Nebraska deu-nos chance de nos conhecermos bastante bem e decidimos casar quando chegássemos a Sião.

**JANE:**

Nós apresentávamos um colorido espetáculo com a longa fila de veículos empurrados ou puxados por homens e mulheres movendo-se sinuosamente entre alguns esparsos carroções de suprimentos e pequenos magotes de gado leiteiro.

**ELIZABETH:**

Muitos dos carros eram esmeradamente pintados ao gosto de seus respectivos proprietários, apresentando aqui e ali inscrição tais como "A verdade há de prevalecer", "Expresso de Sião", "Sacrifício traz bênçãos" e "Mórmons alegres". Estrofas da marcha "Alguns Têm que Puxar, Outros Têm que Empurrar" ajudavam a aliviar a monotonia da rotina diária.

**2.º NARRADOR:**

Disciplina auto-imposta e um estrito regulamento para acampar facilitavam o progresso, permitindo vencer diariamente de dezenove a vinte e quatro quilômetros. Homens, mulheres e crianças, sem exceção, seguiam em frente caminhando pacientemente. Somente os exaustos e doentes recebiam o conforto de viajar nos carroções de suprimentos.

**SARAH:**

A noite trazia descanso e recreação. Depois do jantar as fogueiras individuais das famílias reduziam-se a brasas enquanto se elevava a grande fogueira central como um aviso de reunião geral. Os jovens cantavam e se divertiam com jogos improvisados, e todo mundo participava dos divertimentos noturnos até a hora de recolher.

**1.º NARRADOR:**

Ao fechar-se o círculo em torno do fogo, ia-se fazendo silêncio. Então elevava-se por sobre o bruxoleio das últimas chamas, o doce som das vozes reunidas cantando as estrofas que encorajaram milhares a prosseguir quando o entusiasmo desfalecia.

**AUDIÊNCIA:**

Canta: Vinde ó Santos", hino n.º 8.

**2.º NARRADOR**

O hino "Vinde, ó Santos" era um legado dos pioneiros de há uma década atrás aos milhares e milhares que iriam segui-los para o Oeste. Ele tornou-se a herança comum em qualquer idioma. Com as últimas palavras todos se recolhiam aos abrigos; e quando morriam na noite os derradeiros ecos do toque de silêncio, os emigrantes dormiam como o deserto.

**ELIZABEH:**

O outono chegou cedo com uma noite de geadas. Na encosta das montanhas os choupos se vestiam de dorado, e a mancha rubra dos carvalhos prenunciavam a aproximação do inverno. Lá bem além nas planícies do Wyoming, a companhia Martin seguia esperançosamente pelas margens do Rio Platte.

**POLLY:**

Entramos para a Igreja em Brighton, Condado de Sussex, Inglaterra, quando eu tinha cerca de treze anos. Meus pais estavam determinados a se unirem aos santos em Sião, e por isso meu pai vendeu tudo o que tinha e viajamos até Iowa City, onde compramos duas juntas de bois, um par de vacas, um carroção e uma tenda. Fomos designados a seguir com a companhia de carrinhos-de-mão de Martin como carro de suprimentos. Nós conseguíamos vencer de vinte e cinco a quarenta quilômetros por dia até chegarmos ao Rio Platte. Grandes blocos de gelo desciam pela correnteza. Fazia um frio intenso. Na manhã seguinte havia catorze mortos. Voltamos para o acampamento, oramos e cantamos: "Vinde ó santos, sem medo ou temor." Naquela noite admirei-me por ouvir mamãe chorar. Na manhã seguinte nasceu minha irmãzinha. Era o dia 23 de setembro. Demos-lhe o nome de Edith. Ela viveu só seis semanas; foi sepultada na última travessia do Sweetwater.

**1.º NARRADOR:**

A manhã de outubro encontrou os migrantes do acampamento na periferia de Fort Laramie em profundo desapontamento. As provisões de mantimentos e roupas de que dependiam não tinham chegado. Os escassos sete quilos e pouco permitidos a cada membro davam pouco conforto numa manhã tão fria.

**JANE:**

Dia após dia continuavam avançando penosamente. Os homens, mais fortes, lançavam vez por outra olhares ansiosos às companheiras. As crianças instintivamente procuravam andar mais perto atrás dos pais. Uma chuva de folha caía sobre a fila em movimento e então as mu-

# Diretrizes e Programas

Iheres achegavam um pouco mais seus xales, baixavam ainda mais a cabeça e continuavam com passos pesados.

## 2.º NARRADOR:

Uma rajada de vento trouxe consigo um súbito turbilhão de neve. Seu maior temor tornava-se realidade. Hora após hora a neve traiçoeira continuava a empilhar sua mortal armadilha. Sapatos rotos expunham os pés desprotegidos ao seu frio e umidade. Mal dispunham de um agasalho para substituir as roupas molhadas e gélidas. Porém, o pior de tudo, mesmo reduzindo as rações ao mínimo possível, restavam-lhe suprimentos para só mais uns poucos dias.

## GAROTO DOS CHISLETT:

Quando as provisões começaram a escassear, uma manada de búfalos passou por perto e os homens da nossa companhia conseguiram abater dois deles. Que festão tivemos naquela noite!

Minha família ganhou um pedaço daquela carne de búfalo e guardou-a no carro para o domingo seguinte. Eu andava tão esfomeado e o cheiro da carne era tão tentador que não resisti. Eu tinha um pequeno canivete e com ele cortava um pedacinho ou dois duas vezes por dia enquanto empurrava o carro. Eu esperava receber uma boa surra. Quando papai pegou a carne, perguntou-me se eu tinha cortado um pedaço dela. Respondi que sim que estava com tanta fome que não consegui evitá-lo. Papai então apenas se virou para o outro lado enxugando uma lágrima dos olhos.

## 2.º NARRADOR:

A companhia Martin foi apanhada pelas nevascas mais precoces da história dos pioneiros. A neve continuava a amontoar-se com as seguidas nevascas. A despeito de pés congelados e dedos ulcerados pelo frio, os homens matinhavam acesas as minguidas fogueiras em torno das quais se encolhiam as mães com suas crianças febris.

## JANE:

Eu me perdi na neve, ficando com os pés e pernas enregelados. Os homens esfregaram-me com punhados de neve e colocaram meus pés num balde com água. As dores foram terríveis. Quando chegamos a **Devils Gate** o frio era intenso. Ali deixamos muitas de nossas coisas. Quando fui dormir naquela noite, meu irmão James estava perfeitamente bem. De manhã, encontramos-o morto.

## ELIZABETH:

As rações diárias foram diminuídas mais uma vez com a oração de que logo receberíamos auxílio. Porém, em lugar de socorro veio a morte — primeiro um, depois outro, e mais outros. A vida se esvaía tão mansamente como se apaga a chama do candieiro ao terminar o óleo.

## JANE:

Eram os homens que morriam. Eles não tinham doença alguma, mas estavam totalmente enregelados. Alguns deles que pela manhã ajudavam a cavar sepulturas, eram por sua vez enterrados antes do cair da noite.

## ELIZABETH:

Os sapatos deles estavam tão gastos que acabavam caindo-lhes dos pés; então eles os amarravam com pedaços de saco de aniagem ou tiras de lona e trapos. Apesar disso tinham os pés tão rachados, pisados e feridos que deixavam marcas de sangue pela neve.

## 2.º NARRADOR:

A fome era intensa. Para ajudar a sustentar a vida, os santos passaram a fazer sopa das tiras de couro cru com que se amarravam os raios das rodas dos carroções.

## JANE:

Houve ocasiões em que morriam seis, oito ou dez numa única noite. Todas as manhãs os mortos eram enterrados às margens da trilha. Certa noite morreram dezoito. A terra estava tão congelada e a neve tão alta que cavaram apenas uma cova maior para enterrar todos juntos.

## SARAH:

Meu noivo pegou pneumonia nas planícies de Wyoming, falecendo antes de nos podermos casar. Dei aos irmãos meu longo xale de franjas para que embrulhassem seu corpo. Não podia suportar a idéia de sabê-lo enterrado sem nada para protegê-lo da terra.

## 1.º NARRADOR:

Era época de conferência na Cidade de Lago Salgado. Brigham Young subiu ao púlpito e dirigiu-se aos santos.

## BRIGHAM YOUNG:

Meu assunto é o seguinte: Hoje, 5 de outubro de 1856, muitos de nossos irmãos e irmãs estão lá fora nas planícies com carrinhos-de-mão, provavelmente a uns 1.125 Km deste lugar. Temos que mandar-lhes socorro. O texto será, como fazê-los chegar aqui. É esta a salvação que procuro agora, salvar os nossos irmãos. Não quero mandar juntas de bois, quero bons cavalos e mulas. Eles existem no Território e precisamos deles; e também doze toneladas de farinha de trigo e quarenta bons carroceiros.

## ELIZABETH:

Brados de alegria fendiam o ar; homens fortes choravam abertamente deixando as lágrimas rolarem livremente pelas faces vincadas queimadas de sol, e as crianças punham-se a dançar de alegria.

**WILLIAM TAIT:**

Eu sabia que Elizabeth fazia parte da companhia e, ao aproximar-se a data prevista para a chegada de minha mulher, comecei a ficar alegre e ao mesmo tempo ansioso com a iminente reunião. Minha ansiedade transformou-se quase que em pânico quando o inverno daquele ano chegou excepcionalmente cedo e intenso. Ofereci-me como voluntário do grupo de socorro a fim de poder ir ao encontro de minha querida esposa. Não posso descrever os temores e ansiedade sentidos durante a jornada. Chegaríamos em tempo? Ela estaria viva?

A 31 de outubro já haviam partido duzentos e cinquenta parselhas. No dia 20 de outubro, o primeiro carro de suprimento alcançou a companhia Willie.

**1.º NARRADOR:**

Os outros carroceiros prosseguiram em busca da companhia Martin. Diversos dias ainda separavam estas vítimas do tão premente socorro, fazendo com que o número de vítimas fosse maior. Quando afinal a caravana de socorro conseguiu atravessar as barreiras da neve, pôde prestar um socorro apenas parcial.

Quando em 30 de novembro chegaram os primeiros sobreviventes na Cidade de Lago Salgado, não se mediram esforços para assistí-los e confortá-los em Sião. A notícia da chegada veio durante os serviços dominicais matutinos. Brigham Young imediatamente dispensou a congregação com uma declaração clássica dos verdadeiros princípios da fé cristã.

**BRIGHAM YOUNG:**

Quando chegarem, não quero ver essas pessoas simplesmente alojadas em suas casas. Quero que sejam distribuídas entre as famílias desta cidade que tenham moradas boas e confortáveis; e desejo que as irmãs aqui presentes diante de mim, e todas as outras que puderem e souberem, as atendam e cuidam delas, e lhes administrem alimentação e medicamentos com prudência. A reunião da tarde será omitida, pois desejo que as irmãs dirijam-se para casa e preparem algum alimento para os que acabam de chegar, e os banhem e atendam. Orar é muito bom, mas quando, como agora, se fazem necessários batatas assadas e pudim e leite, a oração não serviria para substituí-los. Cada dever no seu próprio momento e lugar.

**2.º NARRADOR:**

Depois, dando o exemplo, o presidente da Igreja deu instruções ao bispo presidente que todo e qualquer imigrante que não encontrasse acomodações fosse mandado para a sua casa.

**JANE:**

Meus pais, John e Alice Ollorton, e minha irmã mais

velha faleceram antes de sermos socorridos perto da ponte sobre o Rio Platte. No dia em que chegamos ao Vale do Lago Salgado minha irmã menor também morreu de frio. Sou a única sobrevivente da família Ollorton. O resto dela nunca chegou a ver Sião. Mas eu sei que a separação é apenas temporária. Essa separação é um preço bastante alto pelo Evangelho, porém vale a pena pois Deus vive e esta igreja é verdadeira.

**POLLY:**

Meus pés ficaram congelados; igualmente os de meu irmão e minha irmã. Não havia nada além de neve e mais neve por toda parte, e o vento cortante de Wyoming. Não conseguíamos fincar as pequenas estacas para prender a tenda. Não sabíamos o que seria de nós. Então, uma noite, chegou um homem ao acampamento avisando que Brigham Young enviara homens e cavalos para ajudar-nos. Pusemo-nos a cantar, alguns dançavam e outros choravam.

Minha mãe nunca se recuperou. Ela morreu entre as **Little** e as **Big Mountains** de Utah. Tinha então quarenta e três anos. Éramos dos últimos a chegar na Cidade de Lago Salgado, às nove horas da noite de 11 de dezembro de 1856. Três dos quatro sobreviventes sofriam de congelamento. Mamãe estava morta no carroção. Quando Brigham Young chegou na manhã seguinte e viu nossas condições, os pés congelados e a mãe morta, lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

O médico amputou os dedos dos meus pés enquanto minhas irmãs vestiam mamãe para ser enterrada. Quando meus pés estavam pensados, fomos carregados para junto de mamãe, para um último adeus. Naquela mesma tarde ela foi sepultada.

Tenho pensado muitas vezes nas palavras de mamãe antes de deixarmos a Inglaterra.

**MÃE DE POLLY:**

Polly, quero ir para Sião enquanto meus filhos são pequenos para que sejam criados no Evangelho de Cristo, pois eu sei que esta é a igreja verdadeira.

**1.º NARRADOR:**

A companhia de carrinhos-de-mão de Edward Martin partiu de Iowa City no dia 28 de julho de 1856 com quinhentas e setenta e seis pessoas. Depois de quatro meses e cento e trinta e cinco mortes, chegou ao Vale do Lago Salgado em 30 de novembro de 1856. Tudo bem. Tudo bem.

1. 500 pessoas. Partiu — 15 de julho de 1856. Chegou — 9 de novembro de 1856.

2. 576 pessoas. Partiu — 20-30 de julho de 1856. Chegou — 30 de novembro de 1856.

# Diretrizes e Programas

As diretrizes e os programas da Igreja são instituídos para auxiliar os membros a viver harmoniosamente dentro das normas de conduta da Igreja. Muitas dessas diretrizes oficiais são transmitidas aos líderes do Sacerdócio e das auxiliares por meio do "Boletim do Sacerdócio" (BS), do qual foram citados a maioria dos itens a seguir. Ocasionalmente são incluídos itens de interesse geral de outras fontes.

## Os Membros Jovens Devem Manter os Padrões da Igreja

**O**s membros jovens da Igreja são convidados freqüentemente a participar de conferências, passeios e outras atividades patrocinados por grupos não-SUD (Escoteiros..., escolas e grupos cívicos nacionais e locais) A participação dos jovens pode ser de grande valor missionário se estiverem adequadamente preparados. Eles precisam ser informados de que nos grupos não-SUD deixarão de prevalecer muitos dos padrões a que estão afeitos." Os pais deveriam "aconselhar os jovens que vão participar de atividades não patrocinadas pela Igreja a fortalecerem sua determinação de manter os padrões da Igreja." — BS.

## São Encorajados os Cursos de Estudo Prescritos

**O**s membros da Igreja devem "evitar permitir que qualquer organização da Igreja seja utilizada por indivíduos ou gru-

pos para promover conceitos políticos, sociais ou filosóficos não incorporados nos cursos prescritos publicados e distribuídos pela Igreja. Os líderes não devem permitir que indivíduos ou grupos usem as reuniões ou organizações da Igreja para incentivar o estudo de livros ou folhetos que promovam tais conceitos.

"Os líderes da Igreja são advertidos a não patrocinar ou autorizar projetos de levantamento de fundos que envolvam distribuição de literatura política ou... outras atividades que exponham a Igreja a acusações de tendência partidária." — BS.

## Deve-se Evitar Demonstrações de Hipnose e Estudos Similares

**H**á notícias de resultados infelizes a respeito de pessoas envolvidas em demonstrações de hipnose em grupo ou cursos populares de controle mental... Os líderes devem advertir aos membros da Igreja contra a participação em tais atividades. Certamente não devem ser patrocinadas ou encorajadas por líderes da Igreja." — BS.

## Linhas de Responsabilidade na Obra Genealógica

**É** responsabilidade dos membros da Igreja determinar seus antepassados diretos (progenitores), completar as unidades familiares desses antepassados diretos, e submeter à Sociedade Genealógica os dados genealógicos colhidos a fim de que sejam processados para o trabalho de ordenanças no templo. O trabalho templário pode ser solicitado para pessoas que sejam parentes colaterais dos membros da Igreja, mas isto é apenas um privilégio e não uma área de responsabilidade.

"A linha de responsabilidade pode ser mudada caso tenha havido um selamento especial envolvendo determinado indivíduo enquanto ainda em vida. O selamento especial pode ter resultado de casamento múltiplo (i.é., segundas ou subseqüentes núpcias), um divórcio ou adoção. Os problemas quanto à modificação em linhas de responsabilidade devem ser expostos à Sociedade Genealógica, a qual recebeu instruções da Primeira Presidência sobre como resolver tais situações." — BS.

# De Nossos Encontros Com Deus

L.H.O. Stobbe

**N**ossa alma é a combinação de um espírito divino com um corpo humano — ambos necessitados de nutrição adequada e específica. O corpo mortal precisa de sustento várias vezes ao dia, e também o espírito requer freqüente alimentação espiritual.

Não há meio melhor para revitalizar nossa alma (espírito e corpo), nosso eu interior, do que freqüentes e regulares períodos de contemplação e meditação. É através desses períodos regulares de reflexão provada sobre o que temos lido, sentido, orado ou estudado que todas as experiências da vida são digeridas como nutrientes para a alma.

Uma boa prática é retirar-se, diariamente, da rotina cotidiana para renovar os convênios com nosso Criador; para dar à mente e ao espírito uma chance de comungar com Deus; para refletir sobre as complexas glórias da natureza; para com-

prender quem somos na realidade; e para refletir a respeito de nossa origem e propósito divinos.

A alma só é devidamente nutrida se estabelecermos o hábito de fazer isto regularmente. Por isso temos que fazer essa "pausa" espiritual regularmente, todos os dias.

Encontrar um lugar para tal encontro diário com o próprio eu, um cantinho confortável, solitário, é essencial. Esse santuário, esse retiro de todo alvoroço poderia ser nosso próprio lar, ou talvez um parque próximo ou outro cantinho das cercanias. Algumas pessoas encontram a quietude desejada indo orar num bosque. Sem dúvida, todos nós desejamos isolamento total. Porém, temos que descobrir um lugar ao qual possamos recorrer regularmente.

Encontrar tempo é a segunda questão importante. Talvez seja preciso levantar mais cedo do que habitualmente, ou reservar um tempinho logo após o término do trabalho no qual não atenderemos ninguém a não ser o próprio eu.

Interessante é notar que várias das chamadas religiões maiores do mundo parecem concordes em que o nascer e o pôr do sol são momentos ideais para se comungar com Deus. Aparentemente, nesses momentos as glórias da natureza encontram-se em seu maior esplendor e mais próximas de nós. É muito importante não só



escolher um lugar certo como também a hora costumeira.

O mais persistente anelo de toda a humanidade é o pão — espiritual e material. Mas ainda cabe unicamente ao indivíduo buscar sua própria salvação.

Quais são os **vossos** planos para esses encontros regulares com Deus? Uma coisa posso afirmar-vos por uma longa vida de experiência: Se nutrirmos a nossa alma, tudo o mais cuidará de si mesmo.



## O Mistério da Impressão Digital



**T**oninho rasgou o envelope e retirou o cartãozinho. Nele via-se a figura de um garotinho vestido de Sherlock Holmes, o famoso detetive, e uma breve mensagem:

**“Aqui vai uma pista: Sou seu amigo.”** Mas, em lugar de assinatura, apenas a impressão digital do polegar!

Toninho pensou um pouco. **Fosse lá quem fosse o remetente daquele cartão, ele sabia do meu estojo de investigação criminal,** decidiu.

Tirando a lente de aumento do estojo, examinou a impressão do polegar no cartão.

— O que é isso? — perguntou André, o irmãozinho de Toninho.

Toninho guardou a lente. Às vezes gostaria que André não amolasse tanto.

— Correspondência particular, -- respondeu. -- Nada que possa interessar a você.

A única maneira de eu resolver este mistério é tirar a impressão digital do polegar de todos os suspeitos, pensou consigo mesmo.

Toninho precisou de apenas alguns minutos para fazer uma lista de amiguinhos que poderiam ter assinado o cartão da maneira tão estranha.

— Aonde você vai? — quis saber André quando viu Toninho descendo as escadas a toda, com seu estojo debaixo do braço.

— Tratar de um negócio importante, — respondeu o irmão maior. Este era seu primeiro caso real e estava ansioso por resolvê-lo. Toninho decidiu começar pelo amigo Juca.

Todo mundo adora mistérios e assim Toninho não teve trabalho algum para fazer os amiguinhos tirarem a impressão digital do polegar. Prome-





teu que contaria a todos o segredo assim que o solucionasse.

De volta em casa, Toninho espalhou os papéis com impressões sobre a mesa e pôs-se a examinar um por um com sua lente de aumento.

— Posso ficar vendo? — perguntou André.

— Olhe quanto quiser mas não me amole, pois tenho que me concentrar!

Porém, por mais que examinasse as linhas pretas das impressões, não encontrava nenhum que combinasse com a assinatura do cartão!

**Quem poderia ser?** admirava-se ele.

— Você acha que a impressão do polegar foi uma boa idéia? — André perguntou.

— E se foi boa! E sabe que mais? Ela mostra que quem mandou este cartão se interessa pelas mesmas coisas que eu. Por isso é que imaginei ser alguém especial. Mas, investiguei as impressões de todos meus amigos, porém não é de nenhum deles, — retrucou Toninho cerrando as sobrancelhas.

— Tem certeza? — indagou André.

— Veja você mesmo, — respondeu o irmão passando-lhe os papéis. — Este é do Juca. E aqui do Zé. E do Pedro.

Manuseando os papéis, André acabou sujando os dedos com tinta preta.

Subitamente Toninho estacou olhando para o irmão.

— Espere aí, — disse ao irmãozinho enquanto tirava a almofada de carimbo. — Talvez eu tenha esquecido um amiguinho!

Imediatamente pegou a mão do irmão e colocou o polegar dele na almofada de tinta, apertando-o depois bem abaixo da impressão do cartão.

André apenas sorria.

Toninho nem precisou da lente de aumento para ver que o mistério estava solucionado! Quem diria que o irmãozinho era um de seus melhores amigos!



# Para Divertir

## Quebra-cabeça de Pontinhos

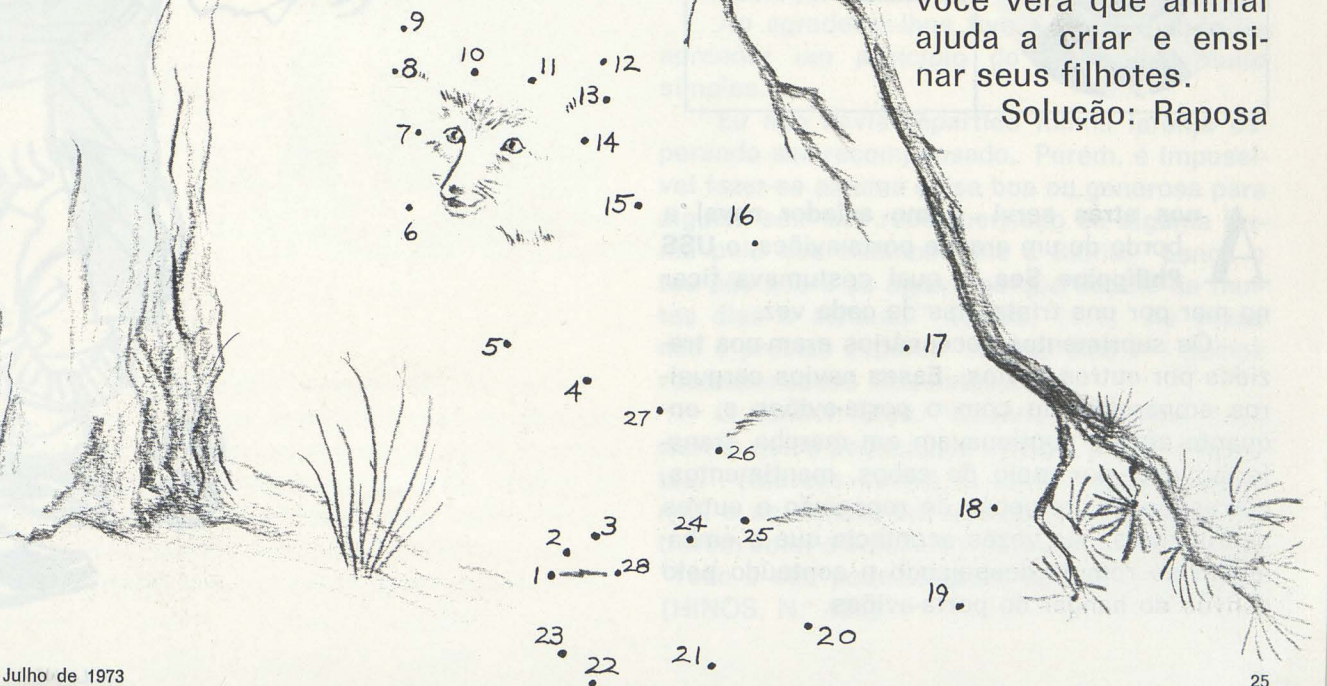
Unindo os pontinhos você verá a figura de um cão peludo de grande utilidade — o cão de trenó esquimó.



## Outro Quebra-cabeça

Unindo os pontos a começar do número um até o vinte e oito, você verá que animal ajuda a criar e ensinar seus filhotes.

Solução: Raposa



# De Um Amigo Para Outro

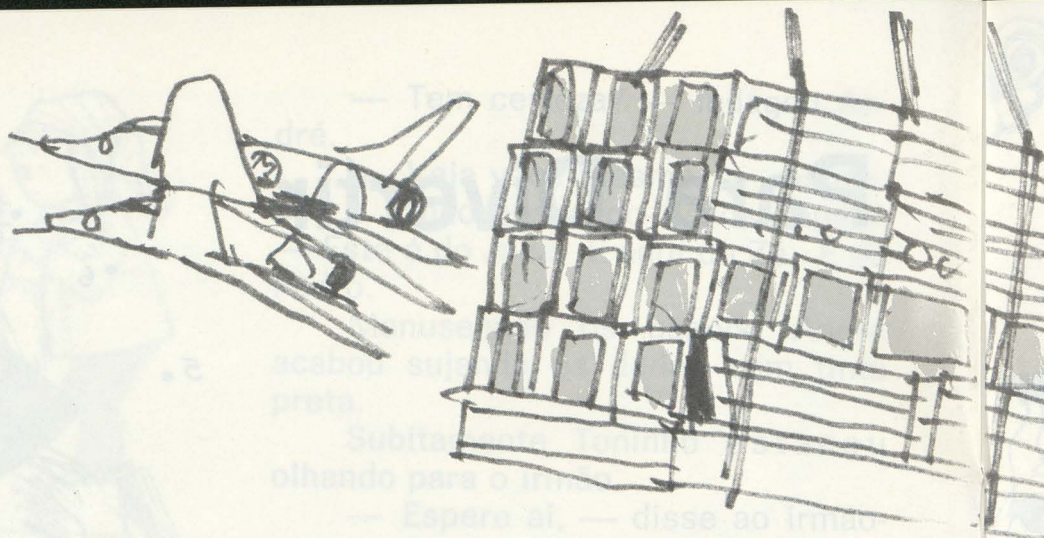



**Hartman Rector Jr.**

Do Primeiro Conselho  
Dos Setenta

**A** nos atrás servi como aviador naval a bordo de um grande porta-aviões, o **USS Philippine Sea**, o qual costumava ficar no mar por uns trinta dias de cada vez.

Os suprimentos necessários eram-nos trazidos por outros navios. Esses navios cargueiros emparelhavam com o porta-aviões e, enquanto ambos continuavam em marcha, transferiam-nos, por meio de cabos, mantimentos, correspondência, peças de reposição e outros suprimentos. Às vezes acontecia que a embalagem se rompia despejando o conteúdo pelo convés do hangar do porta-aviões.





Certo dia eu ia passando pela área em que descarregavam frutas frescas. Uma caixa de laranjas estava um pouco avariada e uma bela e grande laranja caiu de dentro dela e veio rolando em minha direção. Apanhei-a e continuei meu caminho para a sala dos pilotos onde alguns de meus companheiros de esquadrão estavam lendo a correspondência que acabavam de receber do navio de suprimentos.

Quando entrei na sala todos os meus amigos viram a laranja. Frutas frescas eram coisa bastante escassa a bordo e podia apostar que estavam com água na boca por provar a fruta suculenta. Fingindo não estar notando nada, descasquei a laranja, parti-a ao meio e depois contei os gomos. Havia exatamente o suficiente para dar a cada um dois gomos, e assim dividi minha laranja equitativamente entre os seis amigos, os quais se mostraram muito gratos.

Pouco depois alguém entrou gritando:

— Hei, uma caixa inteira de laranjas caiu no convés espalhando-se por toda a parte!

Meus amigos saíram correndo.

Não demorou estavam de volta, cada um trazendo orgulhoso uma laranja. Depois de as descascarem, cada um deles deu-me quatro gomos em troca dos dois que lhes havia dado. Acabei com gomos suficientes para formar duas laranjas.

Ao agradecer-lhes tive a oportunidade de aprender um princípio do Evangelho muito simples.

Eu não havia repartido minha laranja esperando ser recompensado. Porém, é impossível fazer-se alguma coisa boa ou generosa para alguém sem ser recompensado de alguma forma pelo que fizemos. Diz a Bíblia: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.” (Ecles. 11:1) Às vezes não é preciso esperar “muitas dias” — somos recompensados imediatamente.

O Senhor falou: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40) O Senhor ama a todos nós, e se deleita em ver seus filhos demonstrarem amor e bondade e carinho um pelo outro. “Todo o céu pode-se abrir, com amor no lar.” (HINOS, N.º 126)

# ESTER

## A Adorável Rainha

Mary Ellen Jolly

**A**ssuero, rei da Pérsia e Média, planejava escolher uma nova rainha. As mais lindas entre todas as virgens que viviam no país deviam preparar-se a fim de comparecerem diante do rei.

Entre as mais formosas estava a bela moça Ester, sobrinha de Mardoqueu, um exilado judeu que vivia no país naquela época. Mardoqueu aconselhou Ester a não revelar a ninguém que era aparentada com ele, nem que era filha de judeus. E Ester seguiu os conselhos do tio, que a tomara por filha desde a morte de seus pais.

Ao ver Ester, Assuero encantou-se a tal ponto que imediatamente a escolheu para ser sua rainha.

Um dia Hamã, o primeiro entre os príncipes do reino, passou por Mardoqueu junto à porta do palácio. Mardoqueu não se inclinou diante de Hamã, como era costume, porque a lei dos judeus não lhe permitia. Hamã, homem orgulhoso e soberbo, enfureceu-se quando Mardoqueu lhe negou a mesura. Disse ao rei que os judeus obedeciam somente suas próprias leis e que não eram súditos leais do rei. Assim Hamã obteve a permissão real para destruir Mardoqueu e seu povo.



Quando Mardoqueu soube dessa grave ameaça, pediu a Ester que intercedesse junto ao rei para que mudasse seu decreto e salvasse os judeus. A ninguém, nem mesmo à rainha, era permitido apresentar-se diante do rei sem ser convidado. Quem assim fizesse podia ser condenado à morte a não ser que o rei lhe es-



tendesse seu cetro.

Ester, a rainha, pediu a Mardoqueu que ele e todos os judeus jejuassem e orassem com ela a fim de que fosse bem sucedida. Ao apresentar-se diante de Assuero, o rei não se irou, mas sim disse-lhe que podia pedir o que quisesse. Ester, então, solicitou a presença do

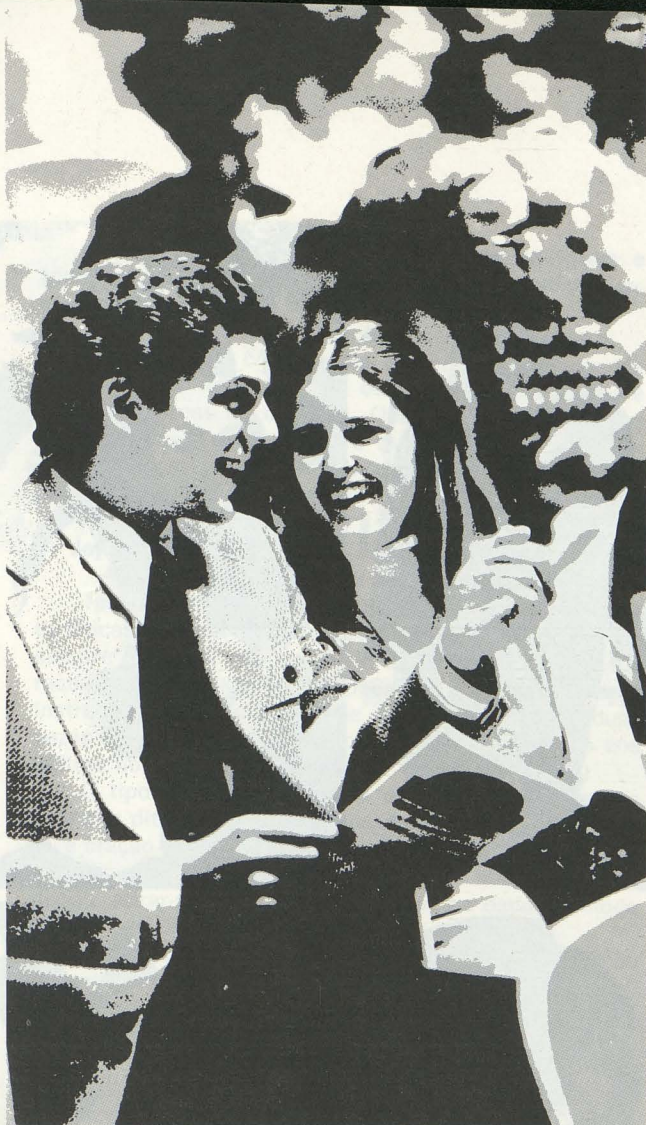
rei e de Hamã em um banquete.

Durante o banquete Ester revelou ser do povo judeu, e rogou pela própria vida e a vida dos seus. Desta forma, e outras mais, tornou-se patente a maldade de Hamã que acabou encontrando o mesmo destino que havia planejado para os leais súditos judeus do reino.

## Esconde — Esconde

Neste quadro estão escondidos: Um jogador de "baseball", um sapo pulando de um balde, um calhambeque, um coelhinho, uma bicicleta, um polvo, três ovelhas e um pássaro voando. Quem consegue encontrá-los?





# Seja Um Vitorioso

John M. Taylor

**A**brindo qualquer coletânea de citações, você encontrará numerosos ditos referentes à tolice de ceder às tentações, mas pouca orientação específica de como evitar tais ciladas. Entretanto, há certos passos que podemos dar para reforçar nossa resistência às tentações.

Os princípios que seguem aplicam-se à tentação em geral — fazer experiências com drogas, entregar-se à indole indomável, cometer atos imorais, ser glutão.

## 1. Reconhecer a fonte e gravidade da tentação.

Somos ensinados que Satanás é o autor do mal, porém não devemos estar tão certos de que seja responsável por todas as tentações. Tiago observa: "...cada um é tentado, quando atraído e engodado por sua própria concupiscência." (Tiago 1:14)

Henry Ward Beecher<sup>1</sup> deixa esta distinção bem clara quando diz: "As tentações de fora implicam desejos de dentro; o homem não deveria dizer: 'Quão fortemente o demônio tenta', mas sim: 'Quão fortemente sou tentado.'"

Pecado e corrupção nem sempre nos são apresentados de forma óbvia. Tampouco são apresentados da mesma forma a todo indivíduo. É bastante provável que as tentações nos atinjam em nossos pontos mais vulneráveis e que freqüentemente teremos dificuldade em distinguir entre o certo e o errado. Susannah Wesley, mãe de John Wesley,<sup>2</sup> deu ao filho alguns conselhos para saber julgar entre o bem e mal:

"Queres julgar se um prazer é lícito ou não? Então usa esta regra: Tudo que enfraquecer tua razão, prejudicar a sensibilidade da tua consciência, obscurecer tua visão de Deus, diminuir-te a sede de coisas espirituais, ou aumentar a autoridade do teu corpo sobre a mente, é um acoisa má para ti. Por esta prova podes descobrir o mal, por mais sutil ou plausível que se apresente a tentação."

Encha sua  
vida com  
coisas belas  
enquanto tem  
juventude,  
saúde e vigor.



## 2. Edificar o testemunho próprio

Quantas vezes já pôde observar o entusiasmo pelo Evangelho das pessoas recém-convertidas? Freqüentemente elas expressam abertamente sua repulsa por tudo que é mau. Infelizmente, tal entusiasmo entre os conversos pode desvanecer-se, e é também possível ser-se criado na Igreja sem jamais vir a senti-lo. A chave pa-

Uma pessoa pode fazer muito para edificar seu testemunho, embora a maioria das sugestões caiba dentro dos cinco passos principais:

- a. Aprender os princípios fundamentais do Evangelho restaurado, incluindo a verdadeira natureza de Deus.
- b. Ler o Livro de Mórmon.
- c. Orar humildemente para reconhecer a veracidade do Livro de Mórmon e da restauração do Evangelho de Jesus Cristo através de Joseph Smith.



d. Frequentar fielmente as reuniões da Igreja e (para os membros) servir diligentemente no cumprimento das designações e chamadas da Igreja.

e. Arrepende-se e guarda os mandamentos.

O testemunho coloca todas as coisas em sua devida perspectiva e nos motiva a combater o bom combate contra as forças do maligno. Quando adquirimos fé no Senhor Jesus Cristo, temos a mais poderosa das defesas. Um testemunho forte não é toda a resposta — continuaremos a ser tentados — mas ajuda em muito.

### 3. Jejuar e orar.

Talvez a mais repetida e citada das instruções escriturísticas para se lidar com as forças do mal seja: "Ora sempre para que não caias em tentação e percas a tua recompensa." (D&C 31:12) O Salvador considerou esta instrução tão importante que chegou a repeti-la duas vezes num mesmo sermão pouco após sua aparição aos nefitas no continente americano. (III Néfi 18:15,18)

O tipo de oração que nos dá força não é a prece rotineira dita quase que impensadamente. Para ser aceita, a oração precisa ser sincera e seguida de ação. Como observou Thomas Secker: "Orar contra as tentações e depois atirar-se às ocasiões é meter os dedos no fogo e pedir que não sejam queimados."

O Senhor requer que abramos totalmente o coração ao orar, expondo nossos problemas ao Pai Celestial. É-nos dito que nosso advogado, Jesus Cristo, "conhece as fraquezas dos homens e sabe como socorrer aos tentados", (D&C 62:1) Alma insistiu com o filho, Hela-mã, que ensinasse o povo "a resistirem a todas as tentações do demônio, com sua fé no Senhor Jesus Cristo." (Alma 37:33)

A pessoa que tem fé em Jesus Cristo, que ora diligentemente e se esforça para guardar os mandamentos, está em condição de usufruir a companhia constante do Espírito Santo. Assim pode receber inspirações e avisos, ajudando-o a evitar situações das quais lhe seria difícil safar-se. Aprenderá a reconhecer a sensação sinistra, o embotamento dos sentimentos mais nobres que acompanham o contemplar ou brincar com o pecado. Somos mandados repetidamente a orar pelo Espírito. Disto resultará paz na alma e um discernimento mais aguçado entre o bem e o mal.

### 4. Ser ativo na Igreja e santificar o dia do Sábado

O comparecimento às reuniões da Igreja assegurará que sejamos lembrados freqüentemente do caminho a seguir para nos preservarmos do pecado e progredirmos em direção à exaltação eterna.

Além da mera presença, servir em cargos da Igreja, por mais humildes que sejam, provê uma oportunidade para se ter a satisfação de auxiliar a salvação de outros. A alegria resultante do servir diligente pode tornar a sedução do pecado comparativamente muito menor.

O Senhor prefaciou o mandamento referente ao dia do Sábado, na nossa dispensação, com estas palavras: "E para que te conserves limpo das manchas do mundo..." (D&C 59:9) Este é, sem dúvida, um de nossos objetivos e nos auxiliará grandemente em evitar que a tentação tome pé em nossa vida. O dia do Sábado representa uma oportunidade para escapar ao mundo temporal e provar das coisas do mundo espiritual no qual vivemos também. Um dia em cada sete foi considerado, pelo Senhor, a proporção adequada para recarregar nossas baterias espirituais.

### 5. Dar a si mesmo uma pausa em ambiente favorável.

Hoje em dia os problemas ambientais estão merecendo muita atenção. Porém, a principal ênfase recai nas condições físicas, como o ar que respiramos e a água que consumimos. A atenção para com o ambiente infinitamente mais importante para nós é uma questão mais individual, familiar e da Igreja. Não podemos dar-nos ao luxo de baixarmos nossas defesas simplesmente porque nossa preocupação carece do apoio financeiro e legal da sociedade.

Tempos atrás, um jovem de que éramos o mestre familiar, trabalhava como garçon de bar e ignorou a sugestão de que seu trabalho poderia afastá-lo da Igreja. Ele começou a faltar às reuniões. Quando se discutiu o empenho dos membros da Igreja em derrotar um projeto de lei que liberava a venda de bebidas alcoólicas em Utah, ele colocou-se do lado dos que desejavam maiores facilidades de distribuição. Fora envolvido numa rede bastante mundana da qual era difícil escapar.

É muito importante escolher companhias que nos elevem em lugar de nos rebaixarem. Isto talvez exija até mesmo mudar de emprego, encontrar novas amizades ou dar outros passos drásticos se a situação o exigir. Será realmente necessário um sacrifício assim? Quem sabe seria melhor perguntar: Serei realmente suficientemente forte, seja qual for o momento, para conservar-me fiel aos meus princípios estando sob constantes influências contrárias? Às vezes não nos resta escolha. Mas, por que não fazer opções enquanto nos é possível? A maioria de nós havia de preferir ar puro ao contaminado, se tivéssemos escolha.

### 6. Utilizar a mente como o tipo certo de depósito.

Pesquisas recentes parecem indicar que a mente se mantém sempre ativa, em grau variável, até mesmo durante o sono. Ela necessita de direção. A mente, de certa forma, é semelhante ao aparelho digestivo. Nosso corpo é beneficiado pela ingestão de alimentos sadios mas adversamente afetado pelas substâncias nocivas. Néfi nos instrui a nos banquetearmos com as palavras de Cristo. (Ver II Néfi 32:3) E haveria acompanhamento melhor para tal festim do que a virtude? "Que a virtude

adorne os teus pensamentos incessantemente." (D&C 121:45)

O homem que lê regularmente as Escrituras e outras publicações oficiais da Igreja, terá uma reserva de vitrude para influenciar seus pensamentos ao enfrentar as situações diurnas. E mesmo das horas da noite você poderá tirar vantagem, basta seguir este simples procedimento: Ler as Escrituras ou outro material de leitura inspiradora antes de dormir. Depois, ao ajoelhar-se em coração antes de deitar, peça ao Senhor que influencie para o bem seus pensamentos e sonhos enquanto dorme. Existe uma extraordinária diferença entre o que terá na mente ao acordar na manhã seguinte, depois de assim proceder, e o que ocupará seu pensamento após ter assistido "shows" e filmes de televisão até altas horas.

Como poderá o depósito mental de alguém dirigí-lo para a justiça se é alimentado com filmes e literatura duvidosos? Se a pessoa nutre pensamentos vingativos ou cobiça a propriedade alheia? Experimentar drogas e deixar-se levar por certas práticas da nova moralidade produzem, indubitavelmente, seus próprios depósitos mentais. O namorado incorrigível, igualmente, cuja cabeça parece estar sempre girando, necessita de um pouco de introspecção.

Néfi, falando do sonho a respeito da árvore da vida que tanto ele como o pai tiveram, diz o seguinte a respeito da reação do pai diante do rio, símbolo da imundície: "...sua mente estava tão preocupada com outras coisas que não viu a imundície da água." (I Néfi i 15:27) Que grande lição para todos nós! Estivessem nossas mentes igualmente "tão preocupadas" com as coisas de Deus e as coisas boas que o mundo tem a oferecer e seríamos imunes ao pecado.

#### 7. Edificar sobre experiências valiosas e memoráveis.

Certa escola em Lincoln, Nebraska, nos Estados Unidos, ostenta uma maravilhosa inscrição: "Encha sua vida com coisas belas enquanto tem juventude e saúde e vigor." Que incentivo melhor para fazer o bem do que um repertório de coisas boas no passado? Todos nós temos necessidade de novas experiências, uns mais, outros menos. Se preenchermos a vida com uma variedade suficiente de interesses e metas absorventes e nos mantivermos ocupados com atividades devidamente equilibradas (não excluindo tempo para estudar, orar, meditar), encontraremos pouco tempo para indulgências inconvenientes.

Diz o Élder Sterling W. Sill:

"Nossa época se faz notar pelo crescente número, variedade e intensidade das tentações. Quase tudo que lemos, ouvimos ou pensamos provavelmente contém alguma tentação furtiva para fazer-nos tropeçar. O dicionário, porém, diz que tentar é suscitar um desejo, e

o desejo pode voltar-se para qualquer direção. Todavia, frequentemente esquecemo-nos das tentações que elevam, enquanto somos mais que indulgentes com as tentações do mal...

"Realmente, a maior de todas as nossas oportunidades é fornecida pelas atuais e excitantes tentações positivas. E, já que nos mostramos tão propensos à tentação, bem que poderíamos dar mais atenção às emocionantes tentações para a cultura, para a felicidade, para a honra, para sermos iguais a Deus. As tentações positivas são muito, muito mais agradáveis e muito mais proveitosas que as tentações negativas. Precisamos tirar maior proveito dessa desafiadora tentação de sermos amigos de Deus." (**Improvement Era**, Junho de 1970, p. 45)

Certa ocasião estive numa reunião de testemunhos de ex-viciados em drogas. Um das coisas que todos eles pareciam ter em comum e que contribuiu para o problema deles era uma intensa necessidade do que eu chamaria de "experiência exaltadora". Agora prestavam testemunho de uma nova experiência que oferecia um "clímase" muito mais satisfatório do que as conhecidas antes. Talvez todos nós devamos examinar os "clímax" em que fixamos nossa atenção.

#### 8. Tentar o amor como preventivo contra o mal.

Amar a Deus e o homem é o maior de todos os mandamentos. Ele encerra todos os demais. Cristo referiu-se à Regra de Ouro como "a lei e os profetas". Se a entendêssemos perfeitamente e a puséssemos em prática, conseguiríamos cumprir todos os requisitos do Evangelho.

Em seu livro **Try Giving Yourself Away** (Tente Dar-se aos Outros. N. do T.), David Dunn discute a emoção que a pessoa pode descobrir em simples atos de bondade. Dar verdadeiramente de si mesmo exige certa concentração e esforço. Mas qualquer um pode fazê-lo, e as recompensas valem a energia criativa e emocional respondida. Exemplos:

— Ajudar um recém-chegado a adaptar-se em sua vizinhança ou grupo.

— Dar atenção a uma pessoa a quem falte a habilidade para chamar a atenção de outros.

— Cumprimentar alguém por um serviço que esteja prestando, de preferência alguém que não costume ver seus esforços reconhecidos.

— Prestar colaboração voluntária em favor de pessoas defeituosas ou retardadas em sua comunidade.

As possibilidades são inúmeras e podem manter a imaginação de qualquer um suficientemente ocupada para que não reste espaço para divertimentos insalubres.

A asserção: "... porque a caridade cobrirá a multidão de pecados" mereceu uma tradução mais inspirada de Joseph Smith: "... porque a caridade previne uma multidão de pecados". (I Pedro 4:8. Versão Inspirada.) Aqueles que cultivam relacionamentos fundamen-

tados em amor e respeito são, sem dúvida, menos propensos a se aproveitar do próximo e a cair em tentações que conduzam a atos que iriam ferir outros.

A caridade aqui mencionada é o termo usado nas Escrituras definido como "perfeito amor" ou "puro amor de Cristo". Morôni diz que é obtido orando ao Pai "com toda a energia de vossos corações..." (Mor. 7:48). A oração, portanto, é a chave para se obter o tipo de amor que nos colocará acima da inclinação para o mal.

### 9. Aprender a romper o síndrome da tentação.

Mas o que fazer quando diante de uma situação tentadora concreta, ou quando se vê levado por seus desejos na direção errada? Tudo o que foi dito será de proveito, mas este ponto exige algo de mais imediato. Talvez a termo **derivativo** consiga descrever o processo que pode ajudar-nos consideravelmente. O derivativo pode ser qualquer coisa que nos distraia ou afaste da tentação, desviando nossa atenção para coisas mais positivas.

O Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, certa vez recomendou que os jovens escolhessem um dos hinos sagrados da Igreja, a fim de ser cantado ou a letra recordada mentalmente quando diante de uma tentação. Visto que só se pode pensar um pensamento de cada vez, essa técnica provou ser muito útil para afastar a tentação quando esta acena.

O importante é que escolhamos um derivativo que absorva nossa inteira atenção, alguma coisa que nos desvie totalmente da tentação. Algumas pessoas têm passatempos emocionantes ou se envolvem em atividades desportivas. Certamente será difícil pensar em coisas inconvenientes enquanto se está remando ou nadando ou empenhado em fazer uma cesta no basquete.

Naturalmente um dos mais poderosos derivativos é o jejum, particularmente quando acompanhado de orações.

Uma expressão muito usada pelos entendidos em segurança de tráfego é "dirigir na defensiva", deixando implícito que os outros carros na estrada são uma ameaça potencial e que se deve prever eventuais situações de perigo. Deixar para reagir até que se apresente um perigo real pode ser tarde demais. O mesmo se dá com a tentação. Desde que decidamos agir direito e depois roguemos pela constante influência e sussurros do Espírito Santo, poderemos prever situações que haveriam de nos tentar penosamente. Então podemos nos antecipar e estar preparados. É durante os momentos de maior força que deveríamos preparar o plano de ação para a hora da tentação.

### 10. Seguir os líderes escolhidos pelo Senhor.

Começamos por nossos pais. O quinto mandamento é honrar pai e mãe, sendo particularmente aplicável enquanto se vive com eles e se está sob sua respon-

sabilidade. É raro alguém apreciar a sabedoria dos conselhos paternos até que ele próprio se torne pai. Relacionando esse mandamento com nosso assunto, sem dúvida seria sábio ouvir cuidadosamente as instruções de nossos pais, particularmente com respeito ao namoro e outras decisões que afetem nossa conduta e moralidade pessoal.

Seria sábio mantermo-nos sempre achegados aos líderes do Sacerdócio que presidem sobre nós. Outros que também nos podemos ser de grande valia são os professores do seminário e das organizações auxiliares. Quando ameaçados por tentações maiores, é particularmente útil aconselhar-se com o bispo. Ele é o juiz designado do Senhor em Israel, e poderá sugerir como enfrentar melhor as tentações. Sendo o representante do Senhor, suas instruções devem ser seguidas.

Outro recurso muito raramente usado é a autoridade do próprio pai para nos abençoar em momentos de necessidade. Caso o seu pai não se sinta digno ou careça de fé para impor as mãos sobre sua cabeça e dar-lhe uma bênção contra as tentações que o perseguem, você poderá recorrer aos mestres familiares, ao bispo, ou ao patriarca da estaca.

E, talvez, o mais importante de tudo é a estrita obediência às palavras dos profetas vivos — o presidente da Igreja e todas as Autoridades Gerais — nas instruções dadas na conferência geral e outras oportunidades. Obediência ao conselho deles trará felicidade e fortaleza espiritual.

### Conclusão

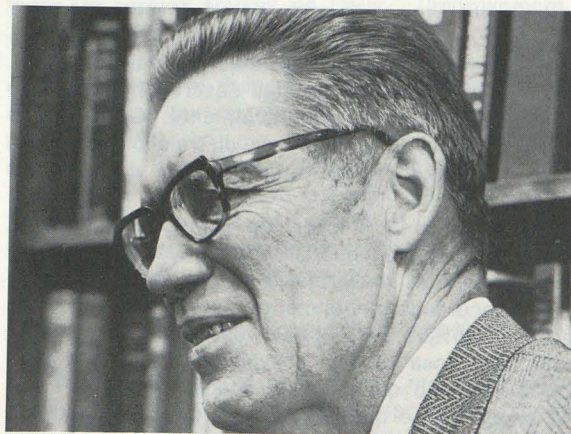
É nosso fado sermos imersos na tentação em grau sem precedentes. Os meios de comunicação de massa criaram o problema de enfrentar a tentação para os santos do século vinte. E muitos gostariam que seguissemos a crença de Oscar Wilde, de que "a única maneira de livrar-se da tentação é submeter-se a ela". Como santos dos últimos dias sabemos que essa filosofia frustraria o próprio propósito pelo qual aqui estamos. Sabemos que, a menos que enfrentemos as tentações, não podemos controlar nossa vida. E este é o nosso desafio até que consigamos superar o mundo e alcançar o estado descrito pelo Profeta Joseph Smith:

"... quanto mais o homem se aproxima da perfeição, tanto mais clara a sua visão e maiores seus gozos, até que tenha superado os males desta vida e perdido todo e qualquer desejo de pecar." (**Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 51)

1. Beecher, Henry Ward (1813-1887) — Clérigo e editor protestante norte-americano.
2. Wesley, John (1703-1719) — Clérigo britânico, fundador da seita metodista.
3. Wilde, Oscar (1854-1900) — Escritor britânico.

# Perguntas e Respostas

## “São humanas as Autoridades Gerais?”



Elder Bruce R. McConkie  
Membro do Conselho dos Doze.

Suponho que esta questão existe em muitas mentes, e assim tem sido desde o princípio. Ela surge, no curso natural das coisas, pelo alto respeito que temos aos cargos que esses irmãos são chamados a ocupar.

Relembro um incidente dos primórdios da Igreja, dos tempos de perseguição e dificuldades. Heber C. Kimball, membro então do Conselho dos Doze, certa vez viu-se obrigado, pelas circunstâncias, a solicitar hospedagem na casa de um membro, uma viúva. Esta ofereceu-lhe o que tinha — pão e leite — e arrumou-lhe um quarto com cama. Quando ele se recolheu, ela pensou: “Eis minha oportunidade. Gostaria de saber o que um apóstolo diz quando ora ao Senhor.” (Na verdade, a mesma velha questão: ela se aproximou pé ante pé para escutar. Ouviu o Irmão Kimball sentar-se na cama.

Ouviu cair primeiro um sapato, depois o outro. Ouviu-o reclinar-se na cama e depois dizer apenas isto: "Ó, Senhor, abençoa Heber; ele está tão cansado."

Há certas coisas bastante sérias e próprias que poderiam ser ditas a respeito do assunto, e talvez possamos tirar delas algumas conclusões e esclarecimentos de aplicação benéfica para todos nós. É um assunto do qual o povo muitas vezes faz conceitos errôneos. Muita gente, durante o tempo de Joseph Smith, tinha em mente a mesma pergunta. Conta ele: "Esta manhã fui apresentado a um homem do Leste. Depois de ouvir meu nome, ele comentou que via em mim apenas um homem, indicando com estas palavras que supusera que uma pessoa a quem o Senhor se digna revelar sua vontade, devia ser algo mais que um simples homem. Ele parecia esquecido das palavras saídas dos lábios de Tiago, de que Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e no entanto tinha tanta força com Deus que este, em resposta às suas preces, cerrou os céus para que não houvesse chuvas durante três anos e meio; e depois, atendendo mais uma vez suas orações, os céus deram chuva, e a terra produziu frutos. Na verdade, é tanta a ignorância e trevas desta geração, que consideram incrível que um homem possa comunicar-se com seu Criador." (**Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 89)

Eis a visão do mundo em geral: "Se é que existe um profeta, deve ser alguém tão enobrecido e exaltado que já não é um homem como os demais." Eles pensam, quem sabe, em João Batista alimentando-se de gafanhotos e mel no deserto, ou alguém como Enoque, de quem se dizia: "Um homem selvagem veio entre nós." (Moisés 6:38)

Na Igreja de hoje existe um conceito um tanto semelhante. A gente se lembra da dignidade e glória e grandesa do ofício, e então algo desse sentimento transborda sendo transferido para a pessoa que ocupa esse ofício.

Talvez haja um meio de dar melhor perspectiva a essa questão. Em lugar de perguntar: "São humanas as Autoridades Gerais?", indagarei: "O seu bispo é humano? Qual seria a resposta? Ou se eu dissesse: "Os missionários são humanos?", a resposta seria sim ou não? Isto depende inteiramente do que estamos falando. Eles, sem dúvida, são humanos no sentido de que todos eles compartilham com todos nós qualquer fraqueza e defeito e dificuldade comum à raça humana. Mas por outro lado, as Autoridades Gerais e os bispos e os missionários — e isto se estende e inclui todo e qualquer membro da Igreja — não deve ser humano no sentido de mundano ou carnal. Nenhum de nós deveria ser "humano", se por isto se entende viver como os homens profanos.

Ao entrarmos para a Igreja, costumamos dizer que

abandonamos o mundo. Espera-se que o superemos. Pela linguagem do Livro de Mórmon, que nos despojemos do homem natural, tornando-nos santos pela expiação de Cristo, o Senhor. (Mosiah 3:19) Pois bem, se nós, todos nós, vivéssemos de acordo com nosso potencial, elevando-nos aos padrões que deveríamos alcançar, então nenhum de nós seria humano no sentido mundano ou carnal. Ainda assim, seríamos humanos no sentido de sermos mortais e tudo o mais a isto relacionado.

Sob o título "Autoridades Gerais", em meu livro **Mormon Doctrine**, escrevi: "Certas Autoridades Gerais têm poderes para uma coisa, e algumas para outra. Todas estão sujeitas à estrita disciplina sempre imposta pelo Senhor aos seus santos e àqueles que os presidem. As posições que ocupam são altas e exaltadas, porém, os indivíduos que ocupam tais ofícios são homens humildes como os demais irmãos da Igreja. Os membros da Igreja são tão qualificados e bem treinados que existem muitos irmãos que poderiam — se chamados, apoiados e designados — servir eficientemente em quase todo e qualquer e qualquer cargo importante na Igreja". (**Mormon Doctrine** [Bookcraft, 1966], p. 309)

No mesmo livro, sob o título "Profetas" encontramos ainda o seguinte: "Apesar de toda sua inspiração e grandeza, os profetas são ainda homens mortais com as mesmas imperfeições comuns à humanidade em geral. Têm suas opiniões e preconceitos, e muitas vezes são deixados a resolver seus problemas sozinhos, sem inspiração. Joseph Smith relata que "conversou com um irmão e uma irmã de Michigan que achavam que "um profeta é sempre profeta"; mas eu expliquei-lhes que **um profeta é profeta somente quando está agindo como tal.**" (Ibid., p. 608)

Assim sendo, as opiniões e pontos de vista, mesmo de um profeta, podem conter erros, a não ser que sejam inspirados pelo Espírito. Escrituras ou pronunciamentos inspirados devem ser aceitos como tal. Esse é o nosso problema. Paulo foi um dos maiores profetas-teólogos de todos os tempos, mas tinha algumas opiniões que não estavam em perfeito acordo com o pensamento do Senhor, e chegou mesmo a incluir algumas delas em suas epístolas. Mas, sendo sábio e discreto, ele as identificava como tal, dizendo: "Isto é o que eu penso." Depois, tendo terminado de expô-las, dizia: "Agora, eis o que pensa o Senhor." Os pontos de vista de Paulo, as suas opiniões, não eram tão perfeitas quanto poderiam ter sido.

Os profetas são homens, e quando agem pelo Espírito de inspiração, o que falam é a voz de Deus; ainda assim, continuam sendo mortais, possuindo, com todo direito, suas próprias opiniões. Em virtude de sua grande sabedoria e discernimento, os pontos de vista desses homens são os melhores que um homem pode

ter, mas a não ser que sejam inspirados, a não ser que estejam em conformidade com as revelações, estão sujeitos a erros na mesma base que os pontos de vista dos demais membros da Igreja.

Não temos que ficar em dúvida se as Autoridades Gerais estão ou não falando pelo Espírito de inspiração — podemos sabê-lo com certeza. Quero lembrar-lhes uma das famosas declarações de Joseph Smith a respeito: “O Senhor não revelará coisa alguma a Joseph que não revelar aos Doze ou ao menor e menos importante membro da Igreja tão logo seja capaz de suportá-lo.” (Ver **Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 149)

Isto é perfeito. É a mesma doutrina pregada por Paulo quando diz: “... todos podereis profetizar” e “procurai, com zelo, profetizar”. (I Cor. 14:31,39) Toda a congregação da Igreja, o corpo inteiro da Igreja deveria receber revelação. Ela não é reservada a uns poucos eleitos, aos missionários ou aos bispos. Nós deveríamos receber revelações. Todos nós deveríamos ser como os apóstolos e profetas.

## “De que maneira se avança no Sacerdócio?”

A questão proposta pode parecer simples e elementar. Muitos responderiam que, sendo digno, o homem com o correr dos anos vai sendo avançado de um ofício para outro, passando de élder a setenta e depois a sumo-sacerdote. Realmente ouvimos homens sendo “avançados” quando a pessoa encarregada de conduzir a reunião solicita a aprovação da congregação para que

determinado homem seja ordenado a um ofício diferente no Sacerdócio de Melquisedeque. Depois de entrevistados e aprovados, eles então são ordenados por quem possua autoridade para o que muitos consideram um ofício mais elevado do Sacerdócio.

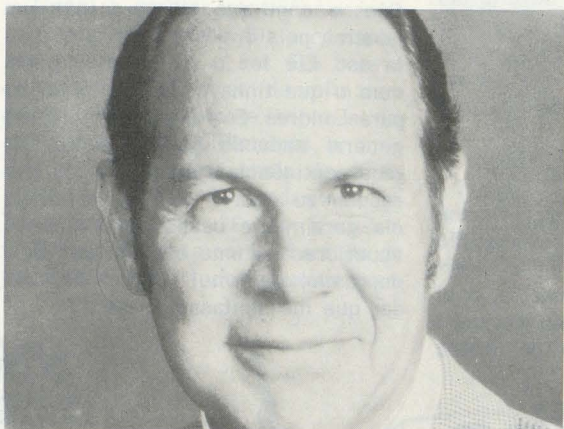
Na verdade, não se trata de um avançamento no sentido de que tal pessoa está sendo passada de um ofício menos importante para outro de importância maior. Seria mais correto dizer que ele está recebendo um novo chamado ou ordenação no Sacerdócio, com novas e diferentes responsabilidades. No que concerne ao Senhor, todo ofício do Sacerdócio é de importância igual perante os outros. A maneira pela qual cumprimos o chamado é imensamente mais importante do que o ofício em si.

A esse respeito diz o Presidente Joseph F. Smith: “Nenhum ofício dá autoridade ao Sacerdócio e nem lhe aumenta o poder. Todos os ofícios na Igreja derivam seu poder, virtude e autoridade do Sacerdócio. Se nós irmãos compreendessem esse princípio, e o tivessem firmemente estabelecido em suas mentes, haveria menos equívoco quanto às funções da autoridade na Igreja. Hoje a pergunta é: Qual o maior — o sumo-sacerdote ou setenta; o setenta ou o sumo-sacerdote? Afirmo-lhes que nenhum deles é maior e nenhum é menor. Seus chamados os levam para campos diversos, entretanto, são do mesmo Sacerdócio. Se fosse necessário... e não restasse nenhum homem na terra que possuísse o Sacerdócio de Melquisedeque, com exceção de um élder — esse élder, através da inspiração do Espírito de Deus e da direção do Todo-Poderoso, poderia e deveria organizar a Igreja de Jesus Cristo em toda sua perfeição, porque é portador do Sacerdócio de Melquisedeque. Mas a casa do Senhor é uma casa de ordem, e enquanto outros oficiais permanecerem na Igreja, devemos observar a ordem do Sacerdócio, e realizar as ordenanças e ordenações estritamente de acordo com essa ordem, assim como foi estabelecida na Igreja através da instrumentalidade do Profeta Joseph Smith e seus sucessores.” (**A Doutrina do Evangelho**, vol. 1, p. 111)

A declaração “enquanto outros oficiais permanecerem na Igreja” significa que cada ofício do Sacerdócio tem suas próprias funções específicas. Por conseguinte, ninguém é promovido ou avançado no sentido de que um ofício seja maior ou menor que outro. A pessoa está apenas juntado preceito sobre preceito à medida que cresce no conhecimento do Evangelho, e ganha poder espiritual ao magnificar os chamados correspondentes recebidos com o novo ofício no Sacerdócio. Os ofícios sacerdotais são, em suma apêndices do Sacerdócio de Melquisedeque em si. (D&C 84:29-30)

J. Anderson  
Estaca East Millcreek

# “Penso ter encontrado a pessoa certa com quem casar. Como posso ter certeza?”



Permita-me responder a pergunta em duas partes:

1. Como sabemos, Oliver Cowdery desejava traduzir exatamente como Joseph Smith vinha fazendo, e o Senhor deu-lhe permissão para fazê-lo. Imagine só o desapontamento dele quando descobriu, após ter recebido “permissão” para traduzir, que era incapaz de fazê-lo.

A resposta que o Senhor lhe deu é encontrada na seção 9 de Doutrina e Convênios. “Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

“Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se

for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.” (D&C 9:7-8).

Muita gente espera que o Senhor lhes dê respostas para seus problemas simplesmente por terem perguntado. O Senhor quer que ponderemos o assunto e o pesquisemos um pouco mentalmente. Assim será mais provável que cheguemos a uma conclusão por nós mesmos, após o que o Senhor nos faz arder o peito se a conclusão for acertada. O mesmo princípio é válido, estejamos procurando um cônjuge ou tomando outra decisão qualquer.

2. De alguns tenho ouvido: “Sim, eu orei e recebi a resposta de que este seria o companheiro conjugal certo para mim, mas a coisa saiu errada. Nosso casamento fracassou. Por quê?” Talvez porque damos por certo que no casamento o essencial é o cônjuge certo e nada mais, e não fazemos esforço algum para que o casamento seja um sucesso.

Perguntei a um marido desiludido se alguma vez dissera à sua mulher que a amava.

— Certamente que sim, — respondeu-me.

Então indaguei:

— E quando foi a última vez que lhe disse isto?

— Quando nos casamos. Mas ela sabe que a amo.

— Talvez ela saiba, mas pode ficar duvidosa se não lhe for repetido diariamente.

Talvez a frase mais abusada seja: “Então casaram-se e viveram felizes para sempre.” Seria bem mais correto dizer: “Então casaram-se e puseram mãos à obra para fazer seu casamento funcionar, e foram felizes.”

Dê uma chance ao Senhor. Em lugar de pedir-lhe que diga se ele ou ela é o cônjuge certo para você, rogue que o ajude a tomar a decisão. Depois estude seu companheiro, comparando seus gostos, aversões, atributos, pontos fortes e pontos fracos com os seus. Tome algum tempo para observar e ver se acha que conseguem viver juntos, trabalhar juntos, passar juntos por horas felizes bem como horas de tristeza.

Decida se **ele** é o tipo de pai do qual se poderá orgulhar. E os filhos, poderão orgulhar-se dele também? Será realmente o chefe sacerdotal da família, indicando o caminho e conduzindo seus filhos e você para o reino celestial?

E **ela**, será uma boa esposa e mãe, apoiando você no justo empenho de ser o chefe sacerdotal da família?

Lembre-se de que o casamento apenas abre a porta que leva à escada sem fim da vida em comum. Mas, ao galgarem juntos essa escada, descobrirão que se tornam mais fortes e os degraus cada vez mais fáceis de vencer, porque o amor recíproco se intensifica dando-lhes um incrível vigor.

Lindsay R. Curtis, M.D.  
Sumo-conselheiro  
Estaca Weber State College

Este mês a Liahona tem o prazer de apresentar o primeiro de uma nova série de artigos a serem publicados nesta revista: **Histórias das Autoridades Gerais**. No decorrer dos anos nossas **Autoridades Gerais** vêm contando histórias que têm tocado o coração dos ouvintes e influído em sua conduta. Muitos desses comovedores exemplos são experiências próprias ou de seus amigos e conhecidos. Todas elas continuam soando tão autênticas como quando contadas pela vez primeira. É com a permissão e bênção de seus autores que publicamos essas "**Histórias das Autoridades Gerais**".

**V**ocês certamente às vezes chegam a imaginar se nosso Senhor realmente sabe o que deve fazer com vocês. Vocês, às vezes, imaginam saber melhor do que ele o que deviam fazer e o que deveriam ser. Estou imaginando se devo contar-lhes uma história que já contei repetidamente na Igreja. É uma história mais velha que vocês, um pedaço de minha própria vida, que tenho contado em muitas estacas e missões. Relaciona-se com um incidente em minha vida em que Deus me mostrou que **ele sabe melhor**.

Eu vivia então no Canadá, onde comprara uma fazenda, propriedade bastante arruinada. Saindo uma manhã, reparei num pé de groselha. O arbusto crescera tanto que tinha agora quase dois metros de altura, cheio de ramos lenhosos, sem flor e muito menos groselhas. Eu vivera numa fazenda de frutas em Lago Salgado antes de ir para o Canadá, e sabia o que fazer com aquele pé de groselha. Assim, pegando um tesourão de podar, pus-me a trabalhar, cortando e podando e aparando até que não restou senão uma pequena moita de tocos. O dia vinha justamente despontando e pensei ver na ex-

tremidade de cada um dos pequenos tocos o que parecia ser uma lágrima, dando a impressão de que o pé de groselha estava chorando. Sendo então um tanto simplório (o que até hoje não consigo vencer totalmente) fiquei olhando, sorrindo e disse:

— Por que choras?

Vocês compreendem, imaginei que o pé de groselha sabia falar e me dizia:

— Como pudeste fazer isto comigo? Eu estava indo tão bem! Já tinha alcançado quase o tamanho de uma árvore que dá sombra e das fruteiras do lado de lá da cerca, e agora veja como fiquei. Todas as plantas do jardim vão-me olhar de cima, porque não alcancei o que deveria ser. Como **pudeste** fazer isso comigo? Como **fosses** o jardineiro daqui.

Foi o que pensei ouvir o pé de groselha falar, e imaginei-o tão fortemente que respondi:

— Olha, meu pequeno arbusto de groselha, **sou** o jardineiro daqui, e sei o que quero que sejas. Não tencionei que fosses uma árvore frutífera ou uma árvore de sombra. Quero que sejas um pé de groselha, e algum dia, meu pequeno arbusto, quando estiveres carregado de frutos,

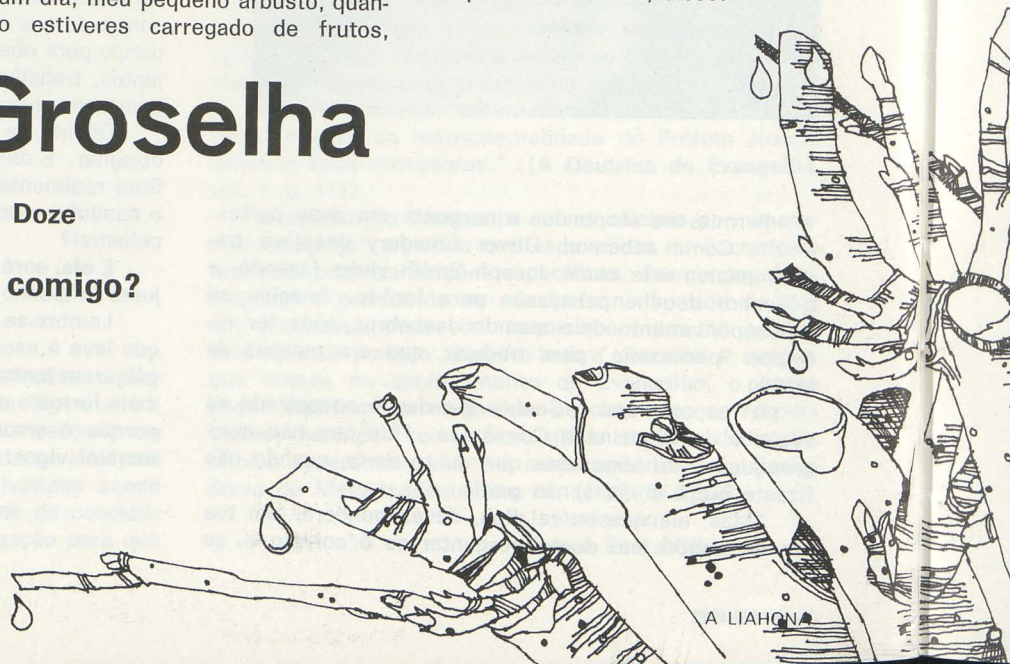
irás dizer-me: "Obrigado, Sr. Jardineiro, por me amares o bastante para me aparar, por te importares comigo o bastante para me magoar. Obrigado, Sr. Jardineiro."

Passou-se o tempo, anos que foram, e vi-me na Inglaterra, comandando uma unidade da cavalaria do Exército Canadense. Eu havia feito progressos um tanto rápidos no que concerne a promoções, ocupando o posto de oficial superior no Exército Anglo-Canadense. E tinha orgulho de meu posto. E surgiu a oportunidade de ser promovido a general. Havia passado por todos os exames. Tinha a antigüidade necessária. Havia apenas uma pessoa entre mim e aquilo que há dez anos vinha almejado conseguir, o posto de general no Exército Britânico. Enchi-me de orgulho. E o tal sujeito foi morto, e recebi um telegrama de Londres dizendo: "Apresente-se em meu escritório amanhã de manhã às 10:00", assinado pelo General Turner, comandante de todas as tropas canadenses. Chamei o ordenança, meu criado pessoal. Mande-i que polisse meus botões, escovasse bem o chapéu e as botas, e fizesse com que eu parecesse um general, pois era isso mesmo que eu ia ser. Ele fez o melhor que pôde, com o que tinha à mão, e lá fui eu para Londres. Entrei no escritório do general andando garbosamente, fiz uma continência elegante, e ele respondeu com o tipo de continência geralmente usado pelos oficiais superiores — uma espécie de "Saia do caminho, verme!" Depois de mandar que me sentasse, disse:

# O Pé de Groselha

Hugh B. Brown, do Conselho dos Doze

"Como pudeste fazer isso comigo?  
Eu estava indo tão bem!"



— Sinto muito não poder dar-lhe a recomendação. O senhor tem direito ao posto. Passou em todos os exames. Tem a necessária antigüidade, e tem sido um bom oficial, mas não posso indicá-lo. Deve retornar ao Canadá para trabalhar como oficial de treinamento e de transportes. O posto de general ficará para outra pessoa.

Tudo aquilo pelo que eu ansiara e orara durante dez anos, subitamente me escapava das mãos.

Então dirigiu-se à sala contígua para atender o telefone, e eu aproveitei-me do privilégio de soldado para dar uma olhada no que havia sobre a mesa. Ali estava minha folha de histórico pessoal, e pude ver escrito, na parte de baixo, em grossas letras de imprensa: "ESTE HOMEM É MÓRMON." Nós não éramos muito benquistos naqueles dias. Assim que vi aquilo, soube por que me fora negada a indicação. Eu já ocupava o mais alto posto entre todos os mórmons no Exército Britânico. Então o general voltou e disse:

— Isso é tudo, Brown.

Tornei a prestar continência, mas não com igual garbo. Fiz a continência de despedida e saí. Fui para a estação e tomei o trem de volta para minha cidade, distante cento e noventa e poucos quilômetros, o coração partido, a alma cheia de amargura. E cada giro das rodas nos trilhos parecia dizer: "És um fracasso. Chegando em casa serás chamado de covarde. Fizeste todos aqueles rapa-

zes mórmons entrar para o Exército, para depois escapares sorratamente para casa." Eu sabia muito bem o que teria que enfrentar e, chegando à minha barraca, estava tão amargurado que joguei o quepe e o cinturão no catre. Levantei as mãos sacudindo os punhos fechados para os céus, clamando:

— Como pudeste fazer isso comigo, meu Deus? Tenho feito tudo ao meu alcance para estar à altura. Não deixei de fazer o que podia ter feito ou o que devia ser feito. Como pudeste fazer isso comigo?

Eu estava amargo como fel.

Então ouvi uma voz e pude reconhecer o tom dessa voz. Era a minha própria voz, e a voz falava: "Eu sou o jardineiro aqui, e sei o que quero que sejas." Minha alma ficou livre da amargura, e caí de joelhos junto ao catre para pedir perdão por minha ingratidão e minha revolta. Enquanto estava ali ajoelhado, algumas vezes puseram-se a cantar na barraca ao lado. Um grupo de rapazes mórmons se reunia ali todas as noites de terça-feira. Geralmente eu também estava lá. Sentados no chão fazíamos nossa reunião da AMM. Ajoelhado ali, orando por perdão, ouvi as vozes cantarem:

"Talvez não seja ao alto mar,  
Que Cristo me vá mandar;  
Talvez não haja conflitos lá,  
Nem trevas eu vá encontrar.  
Mas quando o Cristo me chamar  
À sendas que não trilhei,  
Eu proclamarei, com amor:

[ 'Ó Senhor, ]

Aonde mandares irei."

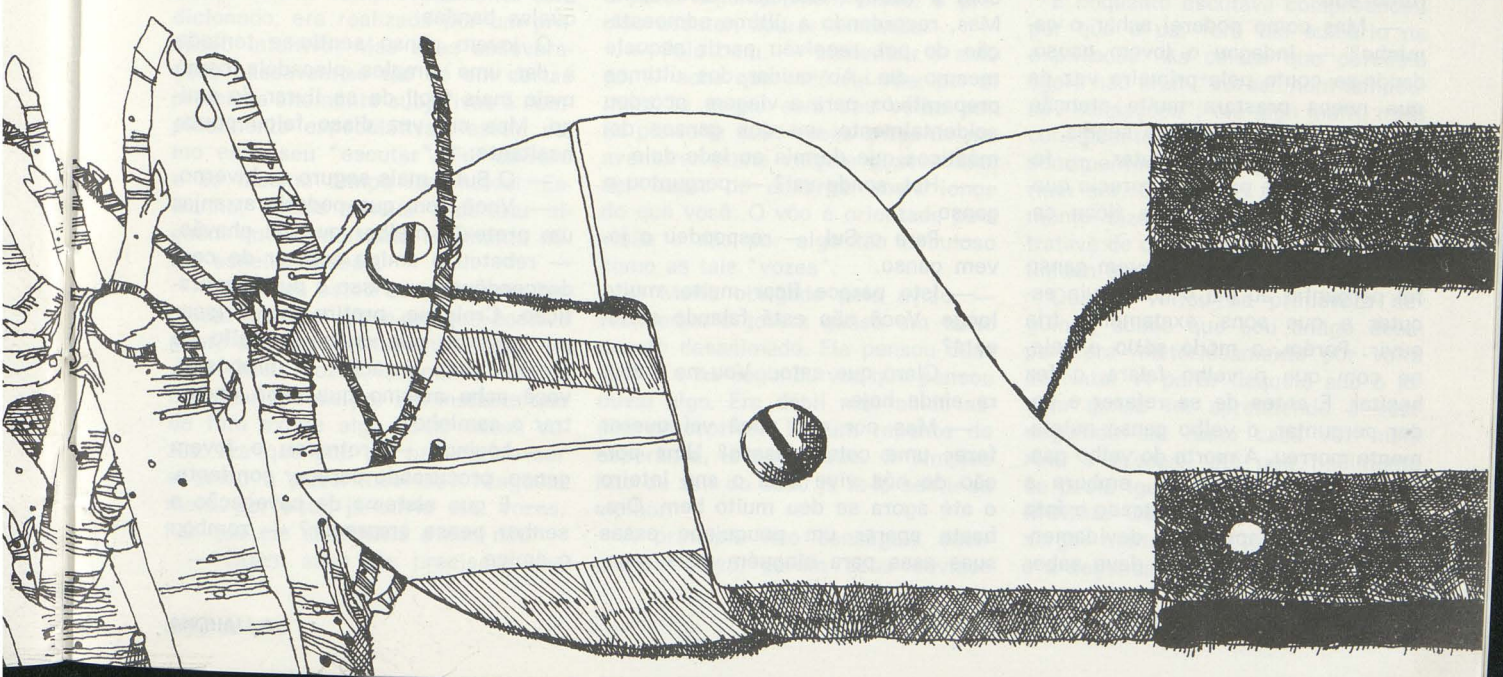
(Hinos, nº 57)

Quando me levantei era um homem humilde. E agora, passados quase cinqüenta anos, ergo meu olhar e digo:

— Obrigado, Sr. Jardineiro, por me amares o bastante para me apoiar, por te importares o bastante comigo para me magoar.

Agora percebo que foi bom eu não ser promovido a general naquela ocasião, porque tornando-me oficial comandante de todo o Canadá ocidental, com um belo salário vitalício, um lugar para morar e uma pensão quando já não prestasse mais para servir, eu teria criado minhas seis filhas e dois filhos em alojamentos militares. Eles sem dúvida ter-se-iam casado fora da Igreja e eu não teria conseguido nada. Eu também não realizei grande coisa assim mesmo, porém me saí melhor do que teria feito se o Senhor me permitisse seguir o caminho que eu queria.

Quis contar-lhes esse caso tão batido porque muitos de vocês terão que enfrentar experiências muito difíceis de suportar: desapontamento, sofrimento, aflição, derrota. Vocês serão testados e provados para verificar qual o seu estofo. Quero apenas que saibam que, se não conseguirem o que pensam que deveriam conseguir, lembrem-se: "Deus é o jardineiro aqui. Ele sabe o que quer que vocês sejam." Submetam-se à vontade dele. Sejam dignos das bênçãos dele, e receberão essas bênçãos."



# A Parábola do Ganso Bravo

Michael D. Palmer



**E**ra uma vez um jovem ganso que todos os anos voava para o sul em companhia do velho pai. A viagem era longa; a princípio o jovem ganso se divertia olhando a paisagem e depois, punha-se a voar em círculos em torno do pai que, embora estivesse perdendo velocidade de vôo, no final tirava a diferença pela notável precisão com que mantinha o rumo certo. Mas no todo, o jovem ganso bem que apreciava essas viagens.

Um ano, logo que terminaram a exaustiva viagem de volta para o norte e o velho cuidava de suas asas doloridas, este decidiu que estava na hora de dar ao filho algumas instruções finais com respeito àqueles vôos migratórios. Como era sujeito de poucas palavras, chamou o filho e então disse-lhe apenas:

— O Sul é mais seguro no inverno. Todo ano, assim que começarem a cair as primeiras folhas, tome o rumo sul.

— Mas como poderei achar o caminho? — indagou o jovem ganso, dando-se conta pela primeira vez de que nunca prestara muita atenção ao rumo que costumavam seguir.

— Você tem que escutar, — falou o velho que primeiro parecia querer continuar mas depois ficou calado.

A primeira reação do jovem ganso foi perguntar ao pai o que devia escutar e que sons, exatamente iria ouvir. Porém, o modo sério e solene com que o velho falara, o fez hesitar. E antes de se refazer e poder perguntar, o velho ganso quietamente morreu. A morte do velho ganso foi muito lamentada, embora a precisão de seu vôo atestasse o fato de que havia aprendido devidamente tudo o que um ganso deve saber

e, portanto, tinha feito jus à glória de sua espécie.

Sentindo-se um tanto só com a morte do pai, o jovem ganso começou a procurar novos amigos. E como era um sujeito vistoso para sua idade — começando justamente a ostentar a plumagem de macho adulto — antes de se dar conta era o favorito do sofisticado bando de gansos da fazenda. Suas asas longas, vigorosas, ainda que de nunciadoras de sua origem pouco “refinada”, alvoroçavam o coraçãozinho sob as niveas penas de uma porção de gansinhas. O verão foi cheio de novas experiências; chegou até mesmo a aprender as danças mais em voga no momento.

Acordando mais tarde certa manhã, após a “escapada” da noite anterior com outros gansos jovens, percebeu que as primeiras folhas mudavam de cor.

“Partirei amanhã”, pensou consigo, com a cabeça latejando levemente. Mas, recordando a última admoestação do pai, resolveu partir naquele mesmo dia. Ao cuidar dos últimos preparativos para a viagem, acordou acidentalmente um dos gansos domésticos que dormia ao lado dele.

— Hei, aonde vai? — perguntou o ganso.

— Para o Sul, — respondeu o jovem ganso.

— Isto parece ficar muito, muito longe. Você não está falando sério, está?

— Claro que estou. Vou-me embora ainda hoje.

— Mas por que você vai querer fazer uma coisa dessas? Uma porção de nós vive aqui o ano inteiro e até agora se deu muito bem. Ora, basta aparar um pouquinho essas suas asas para ninguém mais repa-

rar que não é um dos nossos, podendo assim ficar de papo cheio o ano inteiro sem mexer uma pena. Ninguém notará a diferença.

— É uma oferta realmente tentadora, — respondeu o jovem ganso, procurando não dar a perceber que também pensava assim. — Mas eu me sentiria perdido sem minhas asas.

— Ora, pode ser que estranhe um pouquinho a princípio, mas logo nem se lembrará mais como era antes. Para falar a verdade, acho as asas curtas mais práticas.

— Pode ser, ... mas ainda assim continuo achando que devo ir.

— Mas p'ra que essa pressa? Ora vamos, pode falar francamente. Qual é o verdadeiro motivo? — insistia o amigo. — Aposto que tem uma linda gansinha esperando por você lá naquelas bandas.

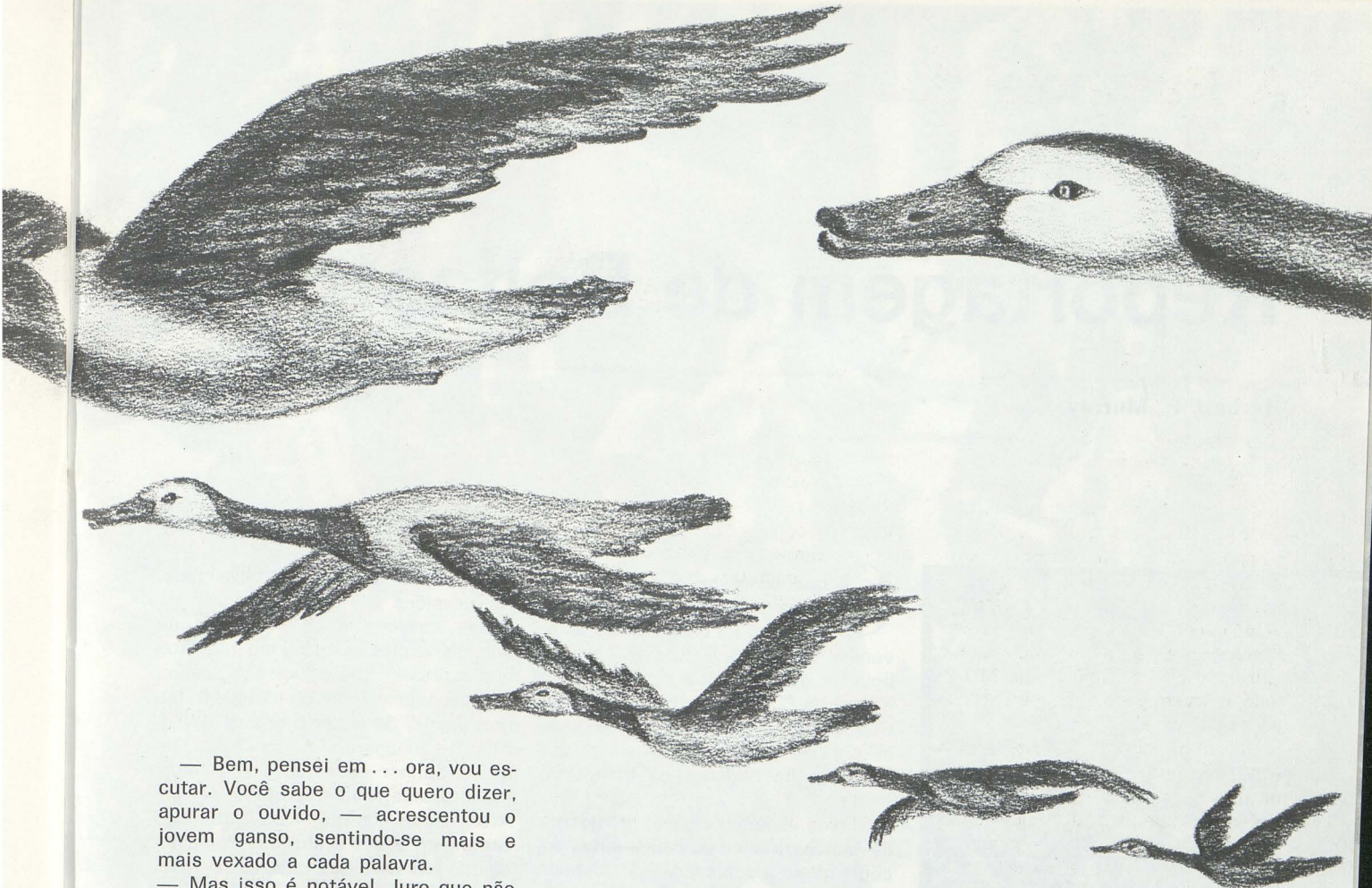
O jovem ganso sentiu-se tentado a dar uma simples piscadela como meio mais fácil de se livrar do amigo. Mas em vez disso falou pouco hesitante:

— O Sul é mais seguro no inverno.

— Você bem que poderia arranjar um pretexto melhor que tal chavão, — rebateu o amigo com ar de condescendência. — Isso é pura superstição. Creia-me, prefiro me arriscar por aqui do que cruzar o Golfo do México num furacão. A propósito, você acha mesmo que sabe encontrar o caminho?

— Lógico!, — retrucou o jovem ganso, procurando parecer confiante.

— E que sistema de navegação o senhor pensa empregar? — zombou o amigo.



— Bem, pensei em . . . ora, vou escutar. Você sabe o que quero dizer, apurar o ouvido, — acrescentou o jovem ganso, sentindo-se mais e mais vexado a cada palavra.

— Mas isso é notável. Juro que não fazia idéia de que alguém acreditasse realmente em tal coisa. Recentemente li num jornal o caso de alguns velhos “matutos” que afirmavam que a navegação norte-sul, há muito já um fenômeno comprovadamente condicionado, era realizada por um processo intuitivo. Mas suas asseverações baseavam-se tão só em certas premissa altamente subjetivas e completamente especulativas, assim como esse seu “escutar”. Foi curioso e ao mesmo tempo lamentável. Estranho, jamais pensei encontrar alguém que acreditasse realmente numa asneira dessas.

— Pois eu estou certo de que funciona. Meu pai disse-me que basta a gente escutar atentamente para . . .

— Ouvir vozes, suponho? Vamos imaginar apenas por um instante que de fato existe algo como essas vozes. Por que seu pai haveria de ser o único a poder ouvi-las? Ninguém mais, por aqui, já ouviu tais vozes. Por que ele as ouviria e nós não?

— Quem sabe ele precisava das

vozes mais do que vocês. Ele tinha que encontrar o rumo sul todos os anos; nenhum de vocês por aqui vai a parte alguma. Além disso, é preciso escutar, apurar o ouvido.

— Pois bem, — comentou o amigo, — acho que você vai voar por aí meio às cegas sem seu velho pai. Eu pensaria duas vezes antes de me aventurar numa viagem dessas sem ser capaz de enxergar mais longe do que você. O vôo é orientado pela visão e não por algo tão nebuloso como as tais “vozes”.

— Muito obrigado pelo aviso, — respondeu o jovem ganso um tanto quanto desanimado. Ele pensou duas vezes, e na segunda vez que pensou ouviu algo. Era débil mas ainda assim perceptível. E num repente de esperança, levantou vôo. O simples fato de sair do chão já fê-lo sentir-se melhor.

A princípio não conseguia ouvir grande coisa, porém seus ouvidos

foram-se aguçando mais e mais até que mesmo um nevoeiro cerrado não era problema.

E enquanto escutava compreendeu por que o pai fora tão sumário na explicação: As coisas que percebia agora não eram “vozes” nem tampouco “sensações”; era algo muito mais convincente e certo do que vozes ou sentimentos jamais poderiam ser. O máximo que podia realmente dizer a respeito era que se tratava de dons, que eram bons e que tinham seu propósito.

Quando voltou na primavera seguinte, soube que seu amigo desaparecera misteriosamente por volta do Natal. A partir daquele ano o jovem ganso foi aprendendo a voar seguindo um rumo cada vez mais reto e preciso, até que finalmente se podia igualar ao pai.

**MORAL:** Quando não consegues enxergar muito longe, apurar o ouvido é a segunda melhor coisa.

A Parábola do  
Grande Erro

# Reportagem de Belfast

Herbert F. Murray



Alto: Confronto popular na Rua Springfield em Belfast. Acima: Jovens envolvidos em lutas de rua. Página oposta: Manifestantes sendo bloqueados por tropas britânicas.

**O** que acontece à obra do Senhor num campo de batalha no qual há centenas de anos vêm-se defrontando duas facções religiosas de princípios rígidos porém contrárias, ambas ditas cristãs? Quanto de progresso espiritual pode-se esperar durante o paroxismo das violentas hostilidades da Irlanda do Norte?

Cleyde J. Summerhays, presidente da Missão Irlandesa, comentando recentemente a sublevação do Ulster e como esta tem afetado os santos dos últimos dias de lá, disse que "o trabalho missionário vem prosseguindo e progredindo de um modo que faz duvidar que haja qualquer problema social. Quando percebem indícios de perigo em áreas problemáticas, os élderes se afastam delas. Os élderes são representantes fortes, corajosos e maravilhosos do Senhor."

O Presidente Summerhays conta que muita gente sente-se segura quando os missionários os visitam em casa. Consta que certas casas foram poupadas de serem criminosamente incendiadas por causa da presença dos élderes mórmons.

O transporte urbano é um problema sério em Belfast. O serviço de ônibus funciona esporadicamente, os veículos estão sujeitos a assaltos, o próprio sistema viário muitas vezes está próximo do colapso total. Muitos membros arrostam as barricadas e atravessam a cidade a pé para poder freqüentar suas reuniões. Por isso a freqüência na Igreja se man-

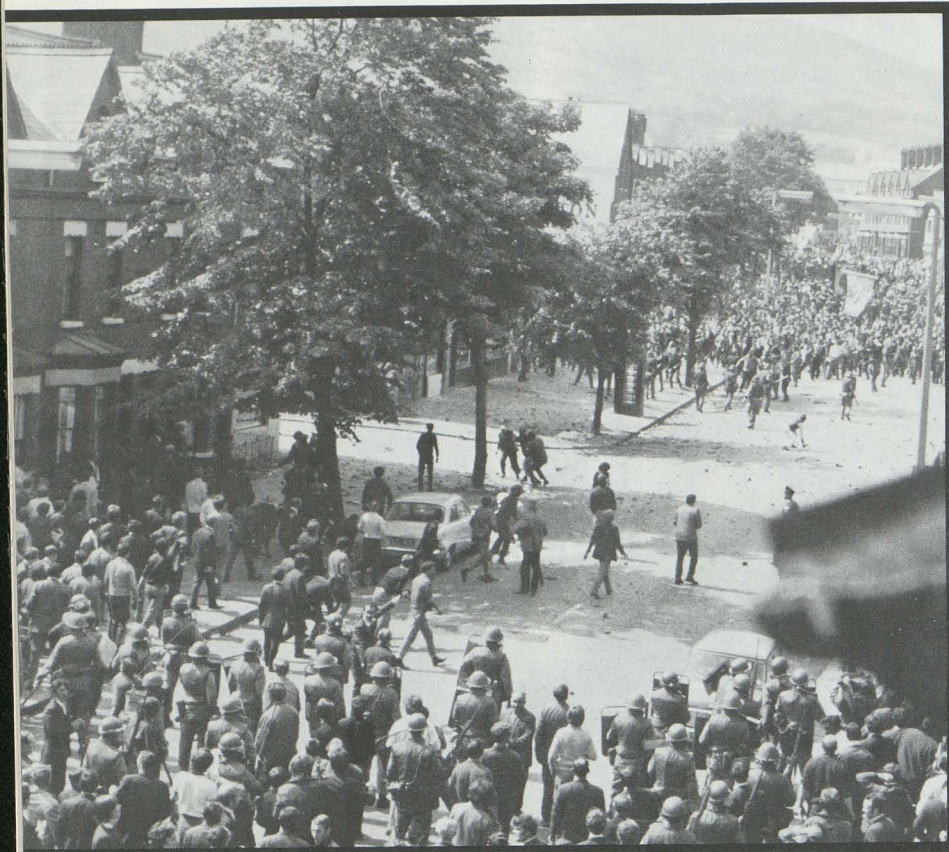
tém apesar dos perigos nas ruas. Há ocasiões em que o pipocar de armas de fogo e os estrondos de bombas explosivas são tão intensos que a presidência da missão pensou em cancelar algumas reuniões, porém depois de jejuar e orar a respeito, eles chegaram à conclusão de que o Senhor quer que o seu trabalho prossiga, não importa o perigo. Até mesmo os serviços batismais continuam a ser realizados semanalmente em três das capelas, e mais outras se necessário.

"Nossas reuniões têm sido das mais tocantes e espirituais por causa da lealdade e fidelidade dos santos irlandenses", informa o Presidente Summerhays:

"A Irlanda é um dos mais belos lugares do mundo", acrescenta ele, "É maravilhosa de se olhar, é maravilhosa para se viver. Proporciona alegria e felicidade a todo aquele que a vê como realmente é. Há algumas pessoas, todavia, que se deixam desalentar com a continuidade dos distúrbios e começam a duvidar de que a Irlanda possa oferecer-lhes uma boa oportunidade, a eles e aos filhos. Alguns abandonaram a Irlanda e suas belezas, sua grandeza e cordialidade, esperando encontrar estas mesmas coisas no distante Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos e outra parte qualquer. Muitos já estão retornando; com o tempo outros mais voltarão."

Dermot Sheils, primeiro conselheiro na presidência da missão, cre-





Os protestantes realizam marcha pela Rua Springfield enquanto tropas britânicas procuram manter a ordem.

dita grande parte do sucesso dos missionários ao fato de seguirem os princípios das Regras de Fé, particularmente da décima primeira e décima segunda: "Pretendemos o privilégio de adorar a Deus, Todo-poderoso, de acordo com os ditames da nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que quiserem." e "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei."

"Estas têm sido as linhas de conduta para todos os santos," diz o Irmão Sheils. "Com raras exceções, os membros da Igreja daqui são todos conversos. A velha tradição de julgar uma pessoa unicamente por suas crenças religiosas vai-se tor-

nando coisa do passado, à medida que os membros crescem no Evangelho.

"Os santos dos últimos dias daqui são tão envolvidos em problemas de trânsito, revistas e restrições impostas pelo governo para proteger os cidadãos contra as atividades terroristas, como o resto da comunidade."

Enquanto a política da presidência da missão é encorajar os ramos e distritos a realizarem todas as reuniões dentro do horário previsto, a comunidade em geral expressa a mesma determinação ostentando os dizeres "Funcionando Normalmente" nas chapas de compensado ou papelão com que substituem as vitrinas estilhaçadas.

"Com o pressuposto de que estamos cuidando da obra do Senhor,

podemos esperar e realmente recebemos sua proteção," afirma o Irmão Sheils." Essa atitude tem-nos garantido sucesso no fortalecimento dos santos e conquista de novos membros."

"A Igreja se beneficia com a situação de muitas maneiras," relata Andrew Renfrew, presidente do Distrito I do Ulster." Pessoas desiludidas com sua igreja devido ao que pregam, estão-se voltando para a nossa em busca da verdade e realmente a encontram. Agora, os membros da Igreja são mais respeitados do que nunca devido à sua incomum posição de neutralidade, sendo portanto acessíveis a ambos os lados para auxílio e conselhos.

"Viver atualmente em Belfast e ter a atenção do mundo focalizada sobre si afeta as pessoas de diferentes maneiras," acrescentou o Presidente Renfrew. Há gente que se deleita com tal notoriedade enquanto que outros se sentem um tanto quanto embaraçados vendo seus problemas locais divulgados no mundo inteiro. O povo de Belfast preferiria viver em paz, cuidando de seus afazeres normais sem perigos ou problemas, mas a situação existe e eles precisam enfrentá-la fazendo tudo o que podem para remediar as condições.

"É preciso dar grande crédito aos homens de negócio, funcionários de escritório e comerciários que mantêm o coração de Belfast pulsando diariamente com seu comparecimento ao trabalho a despeito da possibilidade de que seu edifício possa ser escolhido como alvo de uma bomba. É justamente esse espírito indômito que sustentará Belfast e toda a Irlanda do Norte através destes tempos difíceis.

"No geral, os membros da Igreja ostentam o mesmo ânimo, e procuram 'ir levando' a despeito dos problemas que são obrigados a enfrentar diariamente. Sabem que o trabalho do Senhor tem que prosseguir, ainda mais agora que o adversário intensificou sua atuação. O sentimento entre os membros e líderes da Igreja aqui é que se tiverem fé no Senhor e guardarem os mandamentos e tomarem todas as precauções possíveis, eles serão abençoados em suas atividades para que no devido tempo haja paz."

# Humor Mórmon

**Um de meus irmãos perguntou a papai quanto tempo os missionários costumam ficar num lugar.**

— Até que acabe o jantar, — fez-se ouvir a voz de meu irmãozinho.

**Oshawa, Ontário, Canadá.  
Janet Clark**

Um líder do Escotismo conta o seguinte: Ao inspecionar o equipamento dos garotos durante um acampamento distrital, encontrei um guarda-chuva entre os pertences de um deles. Mal conseguindo acreditar no que via, perguntei-lhe por que tinha um guarda-chuva entre seu equipamento. Olhando para mim, indagou com voz embaraçada:

— O senhor alguma vez já teve mãe?

**Brad Moore  
Payson, Utah**

Dois missionários estavam sentados à mesa do jantar esperando pela sobremesa. Quando chegou a vez de se servirem, restavam somente dois pedaços de torta no prato. O companheiro sênior tirou o pedaço maior, e passou o prato para o companheiro júnior.

— Você acha direito o que fez? — indagou este. — Se tivesse sido eu o primeiro a servir, teria escolhido o pedaço menor.

— Então por que reclama? — perguntou o outro. — Não deu no mesmo?

**Lynn Greenwood  
Provo, Utah**

Recentemente, numa de suas reuniões familiares, uma família escolheu como tema a história de Adão e Eva, e o pai explicou como a mulher foi feita da costela do homem. Depois de servidos os habituais refrescos, um dos garotinhos sentiu uma leve indisposição estomacal e, lembrando-se da lição da noite, falou:

— Papai, acho que vou ter uma mulher.

**Curt Bench  
Tallahassee, Flórida**



Minha irmãzinha despejou leite no copo até que derramou — e continuou despejando enquanto não esvaziou a leiteira. Quando mamãe perguntou o que ela estava fazendo, respondeu:

— Bem, achei que se conseguisse despejar bem depressa, conseguiria que coubesse tudo.

— **Judy Spackman  
Trenton, Utah.**

Dois rapazes discutiam seus feitos no ensino familiar.

— Eu sempre faço minhas visitas no primeiro dia do mês, — jactou-se um.

— Isso não é nada, — retrucou o outro. — As minhas, faço-as sempre um dia antes!

**Elaine Hultstrom  
La Mirada, Califórnia.**

Numa conferência de estaca, uma jovem mãe sentara-se na primeira fila de bancos com seu garotinho de cinco anos, que não dava sossêgo. Depois de esgotar sua paciência, já quase no final da reunião, ela finalmente levantou-se, pegou o garoto e encaminhou-se para a saída com olhar decidido. O menino sabia o que estava para acontecer e justamente quando chegavam na porta, ele virou-se e gritou:

— Socorro, bispo, socorro!  
**Kendy Curtis  
Kimberley, Idaho**

Um domingo, poucos minutos antes de começar a Escola Dominical, lembrei-me de que estava designada para um pensamento de dois minutos e meio. Peguei apressadamente um número do **Friend** e fui correndo para a capela. Eu não estava muito preocupada pois conseguia ler qualquer coisa à primeira vista sem que se notasse que não houvera preparação. Escolhi uma página com bonita ilustração e minutos depois estava diante da congregação. Não demorou e todo mundo deixou-se envolver pela tocante história. Mas justamente quando cheguei no ponto culminante, meus olhos deram com umas palavrinhas inesperadas no fim da coluna — “Continua no próximo número.”

